



Nostalgia



Elena Cerântola e Gallo Cerello são os fundadores do Circo Vox e artistas de todos os espetáculos.

Desde que se conheceram, em 1996, alimentam o mesmo sonho: montar e administrar um circo de lona na cidade de São Paulo.

Sonho concretizado, apresentaram na lona diversos espetáculos desde 2004, até que desenvolveram em 2010 o Projeto Nostalgia, que contempla a montagem do espetáculo e a criação de um livro com o mesmo nome.

O livro servirá para eternizar os artistas de 'momentos' que faziam seus números e cenas que se perderem em uma época com pouquíssimos registros.

O espetáculo, para que o público se delicie com esses momentos que nunca mais voltam, mesmo que sejam registrados.

CÓDIGO DE BARRAS



Uma coletânea de entrevistas com artistas experientes que viveram o auge do Circo Tradicional no Brasil.

Um livro despretenso, de leitura leve e dinâmica, que busca informar e ampliar a visão do público sobre a realidade circense dos anos 50.

São personagens reais com histórias fantásticas que poderiam hoje facilmente passar despercebidos, se o Circo Vox não sentisse tanta Nostalgia dessa época que nem viveu.

O circo Vox é um pouco do Gallo e da Elena, um espaço feito para preservar a arte imediata e o contato do público com o artista.

No meio de uma cidade onde o que mais cresce são os prédios de empresas, a pequena lona ainda conserva um pouco da energia do que foram os grandes Circos Tradicionais, de uma forma bem contemporânea.

É o maior espetáculo da terra apresentado na menor lona do mundo!

www.circovox.com.br

Nostalgia

*À História que viveram, à que vivemos
e à que virá. Que o Circo persista!*



Ministério da
Cultura



Circo Vox

Nostalgia

*À História que viveram, à que vivemos
e à que virá. Que o Circo persista!*



EDITORA NELPA

© Circo Vox, 2011

Conteúdo: Biografia

Índice para catálogo sistemático:

1. Biografia 2. Título

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal

Vox, Circo.

Nostalgia: A história que viveram, à que vivemos e à que virá.
Que o circo persista!/Circo Vox. — São Paulo: Nelpa, 2011.

ISBN: 978-85-8020-118-5

Capa

Fernanda Amélia de Sousa

Diagramação

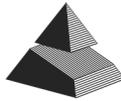
Diógenes Rodrigues do Amaral Lopes

Revisão

Maria Cleonice Leme Sanches

Impressão e Acabamento

R. R. Donnelley



EDITORA NELPA

Todos os direitos reservados à

NELPA – L. Dower Edições Jurídicas LTDA.

R. Dr. Barros Cruz, 63 — V. Mariana — 04118-130 — São Paulo/SP

Telefax: 11 5549 8254 — E-mail: sac@nelpa.com.br

<http://www.nelpa.com.br>



Para começar, algumas lembranças inesquecíveis.



A casa de Deus

Era menino e o tempo sobrava tanto que o dia durava o dia inteiro.

Nele a gente rodava pião pulava corda ficava faquinha até a hora da sopa que sempre cheirava querosene de lamparina.

Eu não sabia de festifudi e a pressa que eu conhecia era um enrolado caipira sonoro e bem cuspada uma aglutinação:

‘...pressa vaca preguiçosa’

‘...pressa mula disgranhenta’

Tudo era tudo bem devagar e dava pra um escutar o outro.

Meu pai falava pouco mas a gente escutava inteiro.

Quando ele tocava na banda eu escutava rindo olhava pros lados depois pra ele e dizia sem dizer que aquele era meu pai.

Minha mãe falava muito e tudo a gente escutava até quando punha Deus no meio — e era sempre, a gente escutava ele.

Terminava o dia e eu tava tudo igual, só que bem sujo mas o caldo de terra eu deixava na bacia e minha mãe devolvia pro quintal num giro rodado. A água se abria feito saia de cigana e batia palmada na poeira do chão: shhléphf!

Eu escutava isso.

Um dia meu pai vestiu o terno de missa, ajeitou o chapéu de feltro pegou o clarinete num braço e minha mão no outro.

Eu não disse nada que a gente só obedecia mas todo mundo que passava eu olhava e dizia sem dizer que aquele era meu pai.

Chegamos no circo e eu pensei que era o céu.

Fiquei olhando, procurando os anjos mas não vi nenhum.

Então olhei no chão e também não vi nenhuma pena como tinha lá no galinheiro.

Achei muito estranha a casa de Deus mas meu pai me sorriu e sosseguei.

Nem passou uma estilingada e a banda começou tocar e a luz ficou redonda no homem de bigode e o circo encheu de cavalinho de moça de perna de fora de homem cheio de faca e depois entrou macaquinhos e gente dando pirueta e uns homens pequinhos mais ainda que eu.

Só sei que parei de respirar e fiquei diferente.

Era a primeira vez que entrava na casa de Deus e escutava de lá de dentro a sua voz.

E ela encheu meu coração e fez o tempo parar dentro de mim.

Pensei: um dia vou ser grande igual meu pai e ter um terno de missa um chapéu de feltro um clarinete mas é aqui que vou viver sempre.

A. Bernardo Cerântola

Infância. Instantes.

Poderia assim definir aqueles momentos mágicos que passei nas arquibancadas mambembes de circos, na minha pequena cidade. Com que alegria esperava que eles viessem, de tempos em tempos, para abrir a janela para outro mundo. Descobertas.

Paixão à primeira vista, saudades imensuráveis. Como explicar uma fase que ficou estancada no tempo? Não importava o tamanho, as atrações, o figurino ou o repertório. A essência daquilo que é precário e transitório estava lá.

Lembro no começo da década de 90, quando a lambada dominava nossos ouvidos, uma prima mais velha e eu, motivadas pelo convite do palhaço, participamos de uma competição dessa dança. Pela primeira vez vi o circo olhando do centro do picadeiro. Tinha certeza que o mundo girava ao redor dele. Uauu! Palpitação! Luzes! O palhaço perguntou meu nome, respondi timidamente em um sussurro: ‘Aline’. O palhaço começou a cantar a música ‘e eu chameiiii, chameiii Aline, estou aqui’. Perguntou se eu a conhecia. Súbito: não! Recusava-me a conhecer tal música, achava triste. Estava mais interessada na competição. Formamos uma dupla desproporcional. Minha prima mais alta e eu pequenina (pelo menos assim me lembro), perdemos. Não perdemos para qualquer dupla, mas para uma de uma menina cega. De onde ela surgiu? Em uma cidade minúscula (guardem o nome Conceição dos Ouros) nunca a tinha visto, senti-me ludibriada no jogo. Bobices da infância. Não sabia perder, até isso o circo me ensinou.

Prefiro lembrar assim desta história: meio borrado, meio colorido, meio algodão doce, meio pipoca. Sei que são muitas metades. Mas nossas lembranças têm dessas coisas de não saberem contar.

Espero que apreciem essa viagem no tempo...

Aline Izabel Costa Carvalho





Sumário



Elza Marlene Alves Dias	13
Entrevista.....	15
Fotos	37
Dora Sofia Rutiz	41
Entrevista.....	43
Fotos	49
Benedito Esbano	53
Entrevista.....	55
Fotos	81
Ricieri Pastori (Julius)	85
Entrevista.....	87
Fotos	97
Teresita Mendez Aurich	99
Entrevista.....	101
Elsa Wolf	109
Entrevista.....	111
Fotos	122
Agradecimentos	125



O Circo

Resolvemos montar esse livro de depoimentos, na tentativa de desmistificar e aproximar um pouco o Circo e sua filosofia do público atual.

O Circo Tradicional Brasileiro é uma arte pouco compreendida nos dias de hoje. As mesmas pessoas que o admiram, agem de forma preconceituosa em relação a ele.

Esperamos que lendo esses depoimentos de vida, as pessoas entendam um pouco mais do que foi viver o Circo há 40-50 anos. Em tão pouco tempo o Circo foi do auge à beira do esquecimento, mas sobreviveu, graças ao amor dessas pessoas que insistem em lembrar sua tradição.

São senhores e senhoras de outra geração, outros costumes, que viveram outro momento do país.

Eles carregam a história do Brasil na própria trajetória de vida, assim como qualquer senhor ou senhora que já tenha vivido o bastante.

Nós os convidamos a ler esses despreziosos depoimentos, desarmados de críticas e dogmas.

Coloquem-se no lugar deles por alguns momentos e sintam a dor e a delícia de ser um circense.

Nós os convidamos também a voltar sua atenção para todos os senhores e senhoras que fazem parte da sua vida. Conversem com eles, perguntem sobre suas vidas, como eram, o que faziam, como chegaram até aqui e por fim como era o Circo na época da juventude deles... Garantimos que será, no mínimo, uma conversa rica e prazerosa.

Este livro, assim como o espetáculo feito através dele, é uma forma de agradecer e reverenciar os artistas antigos que receberam a nós – os “aventureiros” – com aquele receio misto

de ciúme e apego, que para nós só demonstra o sentimento de proteção e amor que eles têm para com a arte circense.

Cada artista entrevistado aqui tem sua opinião, um olhar diferente sobre o Circo. Em comum, conservam o orgulho por terem participado do melhor momento do circo, por terem tido seu reconhecimento e serem verdadeiros sobreviventes dessa aventura.

Nós, por enquanto, somos apenas aventureiros querendo sobreviver pra sempre... de circo! Afinal, não nascemos no circo... renascemos nele.

Gallo Cerello e Elena Cerântola
Circo Vox

Elza Marlene Alves Dias



O primeiro contato que tivemos com a família Alves foi durante um show que fizemos em Indaiatuba. Uma senhora que ria muito nos chamou a atenção, aplaudia sem parar, fazendo a platéia quase vazia parecer um estádio lotado, com muitas pessoas torcendo por nós.

Depois do show, conversando com ela, ficamos sabendo de onde veio, o que fazia e então, tudo fez sentido. Guardamos seu nome para entrevistá-la quase um ano depois.

Encontramos com dona Elza e sua família em Indaiatuba, num terreno que abrigava alguns trailers habitados por eles e uma casa vazia; afinal, não conseguiriam se adaptar a nada que não se movesse, mesmo que os trailers não saíssem mais do lugar... O importante é a “filosofia do trailer”, é saber que chegaria o dia em que partiriam em sua casa rodante.

Dona Elza é uma senhora muito amável, cheia de energia, que não se cansa de lembrar. Alguns diriam que ela fala mais do que deveria, mas nós preferimos pensar que ela não se censura, fala com o coração, com a segurança que só a idade pode trazer.

Enquanto fala mal respira, não deixa ninguém entrar porque se projeta na história e revive o que conta. Sua voz acompanha as memórias e fica embargada, rouca e chora e ri em questão de segundos.

É uma mulher que viveu o circo em todas as nuances, que não tem vergonha da idade e se orgulha das rugas conquistadas com muito suor na profissão em que brilhou a vida inteira.

Dona Elza é puro amor.

Entrevista: Elza Marlene

(Dona Elza brinca dizendo que está cheia de pelanca e pergunta se já está gravando)

Circo Vox – Pode falar besteira, já está gravando.

Elza – Ai, ai (*risos*) a velha está caduca! É, eu digo pro meu filho, eu tenho tanto problema de saúde... Mas eu adquiri mais doenças depois que eu parei. Porque quando eu viajava no circo, a doença que eu tinha...

Não tinha tempo pra pensar nela...

Elza – Não tinha tempo, porque não tinha aborrecimento, a maior parte é alegria. Você entende mais do que eu, eu era uma pessoa muito feliz viajando. Aí eu parei e apareceu tudo quanto é enfermidade.

Os meus filhos morrem de saudade do circo. Eles até choram.

Domingo, você sabe, é o dia da nossa grande atividade, todo mundo correndo, limpando o circo, varrendo novamente, limpando geral, passando pano nas cadeiras, é como uma casa que você quer limpar pra quando as visitas chegam.

E eles sentem saudade. Agora o governo tá dando apoio à cultura.

Depois que veio o circo de Soleil acho que eles ficaram envergonhados em ver que eles são tratados como reis, porque circo é uma arte, não é qualquer um que adquire, por exemplo não é igual escola, que para ter diploma você precisa freqüentar de pequeno, um tanto tempo pra se formar e depois ir pra faculdade. O circo não.

O circo é uma natureza, tá no sangue. Se a gente está parado, morre. É igual uma flor que vai murchando.

A gente não deixa murchar muito totalmente porque a gente sente alegria com as festinhas... a gente faz aniversário todo

sábado... É difícil sábado e domingo estarmos em casa, então nós continuamos com as atividades de alegria, com as crianças, com o público, gente de toda idade que é o que nós gostamos de ver.

Tem que ser assim mesmo.

Elza – É, porque senão... Porque gente de circo não tem um diploma, eu não tenho vergonha em falar.

A minha época de circo não era como agora, que o filho tem que ser obrigado a ir à escola.

No meu tempo, há 71 anos não existia escola para circo.

Papai, sendo chileno e mamãe, argentina, nos ensinavam da maneira deles, mas era diferente.

Então hoje eu sinto falta do que eu não aprendi.

O estudo é fundamental. Graças a Deus meus filhos conseguiram estudar até o ginásio, colegial.

Depois não puderam seguir mais porque nós não tínhamos dinheiro suficiente pra pagar um colégio pra eles se formarem, e também não tínhamos tempo com o circo viajando, 15 dias em cada cidade sempre correndo.

Mas, se a pessoa me mandar escrever eu morro de vergonha. Falta ponto, interrogação.

Agora ler, eu leio.

Mas o importante é comunicar! Não é?

Elza – É, e eu tenho a sabedoria do mundo.

Não tenho estudo nenhum, mas sei até conversar com prefeito, com autoridade, com delegado sei me sair bem, porque é necessidade. A gente vive no mundo, tem que aprender muitas coisas.

O número que a senhora fazia qual era?

Elza – Bom, o número que eu aprendi com meu pai de pequena era acrobacia, salto que faz no chão, igual olimpíadas.

É arte!

E fazia trapézio, trapézio voador, duplo trapézio, trapézio sozinha, fazia arame (*corda bamba*) com as minhas irmãs.

Eu tenho tudo pra provar que eu fazia, que não é mentira. Às vezes nem eu acredito que já fiz!

E então me lembro de tanta coisa boa que fiz no passado que fico triste agora... O que nós fomos... hoje acabou!

Eu queria dar continuidade. Nós paramos o circo por não ter apoio do governo e da prefeitura. Não achávamos terreno, chegávamos na cidade pra falar com o prefeito, o delegado, para pedir licença pra entrar na cidade, e a resposta era “não”, tudo porque tínhamos animais.

A senhora trabalhou muito tempo com animais?

Elza – Trabalhei. Trabalhava com meu marido na jaula do leão...

Como era visto o circo com animais?

Elza – Vocês gostam de animal e não conviveram com os animais como nós convivemos, com urso, com elefante, com macaco chimpanzé. Nós tivemos 3 macacos chimpanzés. E agora a gente vive sozinha, só com os cachorros.

Chimpanzé é uma criança! É obediente, tem uma sabedoria melhor do que a nossa. Eu tinha um macaco que eu criei.

E nós tivemos que dar o macaco porque a polícia vinha diariamente aqui e nós já estávamos parando com a atividade do circo, porque faz 10 anos, 15 anos que a gente tá aqui.

A gente tinha todos os bichos aqui: lhama, avestruz, os ursos... Depois você vai ver o álbum, a gente trabalhava com urso. Tomaram de nós, como tomaram de todos os circos.

Mas na nossa época o Circo era bem recebido na cidade.

Somente aqui em São Paulo o pessoal sempre foi mais difícil... são gente de outra categoria, são gente fina.

Eles gostavam mais de teatro, não existia televisão, novela, existia um pouquinho de teatro, mas era fraco.

O circo movimentava a cidade quando chegava, como você falou.

Quando o primeiro caminhão ia chegando, a primeira criança via, porque criança vivia na rua mesmo ‘Olha o circo, o circo!’ As crianças vinham correndo atrás, até onde tava o terreno.

E a gente ficava alegre, porque eu sempre vinha na frente com o meu marido que dirigia o caminhão, e atrás vinham meus filhos e outros artistas contratados.

Aliás, nós também fomos contratados por circo grande, como o circo Garcia e o Tihany, pra ajudar nos números dos animais, o Tihany trazia muitos animais bons, urso branco, tigre branco...

Circos pequenos não tinham dinheiro pra comprar os bichos, porque os bichos do circo são europeus, vêm de avião, custam caríssimo, e alguns donos de circo não tinham condições de comprar um elefante.

Aí, quando as pessoas começaram a ganhar mais dinheiro, começaram a comprar zebra, camelo que era o mais barato, se pagava um tanto por semana, por mês. O circo com bicho começou a evoluir muito, mas mesmo assim nunca deixamos de apresentar os números de picadeiro, com os artistas.

E o circo lotava?

Elza – Olha, a fila ia lá longe!

Quanto mais animais o circo apresentava, melhor era?

Elza – Claro, porque eram circos ricos, circos ricos.

Não é pra me valorizar, mas o meu pai por ser estrangeiro trazia coisas novas. E ele fazia número de Percha (*vara*

feita de madeira flexível, que a pessoa base sustenta no ombro ou na testa e o volante escala realizando movimentos), que nem existe mais.

Eu não conseguia fazer esse número.

A minha mãe ou as minhas irmãs subiam por aqui, igual uma pessoa sobe num pau-de-sebo — eles falam assim quando tem festas, né?

E outra também: eu ficava num pé assim rodando num pé, dava salto mortal, caía sentada e depois ia pro chão. Quer dizer, tinha muitos números pra ajudar no intervalo dos animais.

As pessoas esperavam os animais.

Que músicas vocês tocavam?

Elza – Era dobrado, galope, banda, samba...

Valsa, porque o trapézio era aquela valsa ‘La..rararara..’, que era o número de vôos. Os números de cavalo, tinha o volteio (*acrobacias em cima do cavalo*) que chama aquelas rampas que pulavam. Era música própria para os animais.

O Circo começava mais ou menos seis e meia, sete horas, as pessoas trabalhavam mais cedo, saíam mais cedo, não era como hoje que todos trabalham até as sete, oito horas, Antigamente a pessoa trabalhava até as cinco horas, eu me lembro bem disso.

Quando pequena via as atividades do circo. O decorrer do espetáculo. O pessoal chegava cedo em casa, com o sol ainda e já ia preparar pra ir pro circo. Todo mundo já ficava na porta de suas casas esperando a banda.

A banda saía da porta do circo tocando, eram dez, doze músicos. Eu não sei falar muito o nome da... Aquela... (*faz movimentos como se soprasse algum instrumento*).

Trombone, clarinete, não era clarinete?

Elza – É, trombone, clarinete, saxofone, sanfona e aquele aparelho grande que faz ‘Tom, tom, tom tororom’ que põem aqui...

É, aquele grande...Trombone, é trombone.

Elza – É trombone. Era imenso aquilo.

E aquele barulho que era uma coisa linda, você se arrepiava. Eu que era acostumada ficava naquela emoção. Imagina as pessoas que não tinham divertimento na cidade.

Não tinha nem baile. A não ser casamento ou aniversário. Não é como agora, mudou. Mudou tudo!

Então a pessoa via aquela música, aquela alegria. E as pessoas saíam da porta do circo tudo com uniforme e iam pro coreto.

Você sabe o que é um coreto, sempre existiu coreto (*espaço nas praças para a banda tocar*).

Aí tocávamos umas três, quatro músicas... enchíamos as pracinhas.

Podiam ser cidades pequenininhas, médias ou grandes, sempre enchíamos as praças.

A não ser a Capital. Na Capital já não dava pra fazer isso, eu me lembro que não dava, só quando íamos para os bairros, mas no centro já não dava, era outra maneira de fazer propaganda.

O prefeito não gostava de muito barulho, nem o delegado.

Mas no interior era bagunça! Ficávamos mais ou menos uma meia hora tocando, quarenta minutos.

Aí, sete e meia mais ou menos começávamos o espetáculo. As pessoas iam descendo do coreto, quando daqui a pouco era aquela multidão.

A banda trazia o público nessas alturas, três, quatro bilheterias funcionando, e chegando a banda que de longe escutava. Todo mundo na atividade, era a maior alegria!

Aí os músicos já iam entrando pra se acomodar, que existia um palco perto da cortina onde entrava os artistas. Os músicos se acomodavam, e onde era a bilheteria era uma fila imensa... tanta gente que parecia uma guerra. Aí todo mundo entrava no circo e não cabia mais gente. As pessoas traziam cadeira.

Quantas pessoas cabiam no circo?

Elza – Olha, eu nem me lembro porque o circo não era tão grande. Às vezes eles fazem duas sessões, como agora, nem existe mais esse negócio de três sessões, duas sessões, a não ser circo grande na cidade que faz três ou quatro espetáculos.

Eu tenho um circo que cabem 180 pessoa, é pequenininho.

Elza – Ai que gracinha!

Meu Circo era uma alegria... a gente achava que o circo nunca ia morrer. Era uma coisa inédita, de arrepiar.

Eu pequenininha chorava de emoção, eu, meu pai, minha mãe e meus irmãos.

E as coisas de vender? Não existia maçã do amor.

Sempre existiu a pipoca, como a serragem (*lascas de madeira que cobriam o chão do circo*), que agora nem existe mais.

Não existe mais serragem. Era a serragem, a pipoca e o pirulito.

O meu marido tem hoje 79 anos.

(o marido dela, seu Jair Alves Dias, mais conhecido como “Maluco”, tem costume de pegar latinha perto de faculdades e bares porque “precisa ficar no meio de multidões, precisa ver gente, assim como era quando atuava”).

O pai dele contava pra mim quando meu marido já estava com uns 22 anos e éramos casados, tínhamos uma menina, que o pai dele e o avô viajavam com carros de boi (*carroças puxadas por bois*).

E sabe o que vinha no carro de boi? Colchão amarrado com uma corda, um saco que envolvia as coisas, porque não tinham mala... Você já viu essas trouxas de lençol?

Eles montavam o circo na cidade, cada um tinha um facão, e cortavam árvores, porque não é como agora que ninguém pode cortar uma árvore, né?

Tá certo, tá certo, é a natureza, não se pode cortar, mas antigamente existia muito mato.

Era até demais a floresta que existia antigamente, então o delegado deixava, ele dizia ‘pode cortar a vontade, aí você limpa um pouco mais’.

Então eles cortavam e raspavam e não pintavam não. Eles cavavam o braço no chão um ficava no meio segurando uma cordinha e o outro girava uns 15, 20 metros mais um pouco, e um ficava aqui enquanto o outro ia rodando pra fazer o redondo.

O outro vinha com a faca e com o cal e ia jogando pra marcar o território.

Aí faziam os buracos com a enxada e com a cavadeira. Iam fincando os paus, apertavam e socavam pra o vento não derrubar.

E não tinham lona. Se chovia, não tinha espetáculo.

Na própria beira que enterrava em volta, eles colocavam o pano pra não ficar tudo aberto, se não a pessoa também não pagava ingresso, entrava tudo de graça.

Eles arrumavam também um lençol. E colocavam em volta, e no próprio pau de roda eles amarravam com uma corda de sisal. E assim iam fazendo as “geral”, arquibancada, sabe?

A pessoas que assistiam o espetáculo, os espectadores, eram mais artistas que nós, porque eles sentavam ali e ficavam quietinhos pra não cair da arquibancada capenga.

A criança que subia mais ficava se equilibrando ali, pra não cair de boca, cair de costas.

Mas as pessoas de mais idade seguravam o pé assim, segurava aqui e firmava no pé de outra pessoa.

Era assim o circo do meu sogro, ele contava pra mim. Depois, para ir embora deixavam tudo desmontado, mas as crianças não queriam que desmontasse e o prefeito dizia ‘Não precisa desmontar o circo’.

Deixa que as crianças vão ter continuidade. O que eles viram, vão fazer.

Tudo artesanal mesmo.

Elza – É, tudo natural.

A senhora conheceu o seu marido no circo?

Elza – É, eu conheci meu marido no circo, ele é do circo Palácio, é uma família muito tradicional, eles são Europeus.

E a senhora é de que família de circo?

Elza – Olha, nós somos da família Sepulveda Pacheco. A família do meu pai, que era chileno, tinha o nome atrapalhado assim.

Depois quando eu casei com o meu marido tive que largar a família do meu pai, e é lógico, trabalhamos muitos anos com a família Temperani.

Mas como que a senhora conheceu seu marido?

Elza – No circo, ele já era artista e nessa época o pai dele já tinha parado de circo.

Ele também era tradicional, o pai dele era tradicional.

O meu marido fazia o globo da morte (*número com várias motos dentro de um globo*), fazia o trapézio volante com a família Temperani, que são tradicionais de um circo que nem existe mais, uma família que, eu posso garantir, foi ficando velha, foi acabando, desgostaram do circo e cada um saiu pra estudar. Hoje um é pedreiro, outro é pintor, outro é caminhoneiro, não tiveram chance de ter paciência e continuar no circo, então essa família morreu, a família Temperani.

Meu marido conseguiu viajar nesse circo e nós já estávamos casados. Nós éramos... não tô falando por grandeza, mas eu era uma boa artista quando jovem, claro, era bonita.

Eu saltava muito, meu apelido era ventania, agilidade.

É, eu saltava e todo mundo nos contratava. Meu marido fazia aquele número de rola-rola que é um rolo redondo que ele

equilibrava enquanto fazia malabares, ele fazia alto, até a altura do circo.

Eu fazia o arame (*cabo de aço esticado*), a corda que hoje chamam de tecido aéreo, só que eles enfeitaram mais, as coisas vão mudando.

Era uma corda?

Elza – Era uma corda, só que o tecido é aberto, é uma lycra, que vai enrolando, a corda indiana era uma corda forrada com lã.

E a senhora casou no circo?

Elza – Casei... meu casamento foi nos três picadeiros... na primeira vez que vieram para o Brasil, foi até bom você lembrar isso, que tava esquecido. Eu casei na Bahia. Salvador, na capital.

O circo fez uma temporada... um circo riquíssimo, com três picadeiros. Circo Hong Kong da família Temperani.

A madame Nete e os filhos eram americanos e italianos, depois foram nascendo os filhos brasileiros.

Eu me casei no picadeiro do meio, foi filmado, aqueles filmes antigos estão guardados até hoje no Bom Pastor, em Santo André.

Foi a coisa mais linda do mundo! Nós trabalhávamos as atrações do circo no picadeiro do meio e nenhum artista desvalorizava o outro. Tinham os picadeiros do lado, os três funcionavam ao mesmo tempo, as pessoas não sabiam o que olhar.

Então estouramos, fizemos o norte todo...

A senhora teve muito sucesso?

Elza – Sim, e eu era contratada porque eu pulava, fazia arame, aquela corda assim, dançava assim pra frente, pulava as telas, andava no arco, e sei lá, naquela época todo mundo me chamava.

Um empresário, o Sr Salmas, o Ades, ele é holandês, veio assistir o espetáculo do Circo Garcia na praça da República, no Rio de Janeiro, que é atrás do balanço mas não cai. Será que existe ainda esse prédio? Balança mas não cai?

Deve estar balançando até hoje...

Elza – É, é bem capaz com esses ventos aí ele já deve ter caído. Foi um estouro, foi um sucesso. Esse empresário assistiu todos os circos, mas gostou do circo Garcia e gostou de me ver fazendo o número com o elefante.

Eu pequenininha, era mais magrinha, agora sou velha, perdi de fazer agilidade.

Eu era magrinha, subia no elefante com agilidade e ficava de pé, ficava na ponta do pé na cabeça dele assim, e colocava o pé na estufa (*cinta em forma de laço, utilizada em diversos aparelhos, em que o artista prende a mão, a cabeça ou o pé para executar posições acrobáticas*), rolava pra trás e o elefante andava.

O empresário ficou louco vendo o meu marido trabalhando com urso, só com a mordança, e eu trabalhando com os leões.

Contratou o circo, e nós éramos da equipe do circo. Nós ficamos três anos nas Ilhas Vulcânicas do Caribe. Três anos viajando. Nós viajávamos de avião, os outros artistas e o circo vinham pelo navio.

Era glamouroso?

Elza – Meu Deus... O meu marido é moreno. Ele cortava o cabelo... Agora ele tá velho, coitado, a época se acaba.

Mas ele era bem forte, então ele cortava o cabelo curtinho, e aí quando chegamos lá pra esses lados das Ilhas, tem muitas nacionalidades juntas.

Tem o inglês, tem o francês, tem indiano, tem índio, é como aqui no Brasil, tem várias raças diferentes, mas quando

ele se apresentou dentro do picadeiro o público chamava “Rei Pelé, rei Pelé!” Foi na época do Pelé.

Foi em que ano mais ou menos?

Elza – Foi em 68 e chegamos em 70 aqui. No Brasil.

Isso foi em 70... quantos anos a senhora tinha?

Elza – Ah, eu acho que eu já tinha uns 39 anos, já tava pra não pisar mais no picadeiro.

É, porque as pessoas acham que quando já se está chegando aos 40, o patrão não precisa falar.

O próprio artista sente, apesar de que a gente tem aquela agilidade... A gente se torna jovem. Nós não envelhecemos. A nossa idade, a nossa agilidade não envelhece.

Quantos anos a senhora tem?

Elza – Hoje eu tenho 71 anos. Estou muito acabada, como eu te falei. É o desgosto da vida. Posso interromper? Ela é... (*mostra sua neta*) Essa é a grande aramista (*pessoa que anda no arame*).

Essa herdou de mim, a minha herança. Ela é a minha herança, é aramista, graças a Deus, aquela também faz arame, faz tecido, essa faz malabares, cama elástica.

Só que ela tem uma grande felicidade.

O que eu não pude fazer pelos meus filhos, porque como eu te falei, os estudos eram fundamentais, mas um fracasso na nossa época.

Mesmo agora ainda temos dificuldade, mas acontece que essa aqui vai bater o recorde da família, ela vai ficar na história, ela conseguiu entrar na faculdade, ela vai fazer direito, com 17 anos...

Ela vai bem na escola. O que nós adquirimos, nessa parada de 10 anos, foi duro.

Essa parada acabou comigo. E acabou com meus filhos. Eu sinto que eles envelheceram.

E essa rola, faz tudo de rola-rola (*prancha que fica em cima de um cilindro que tem a função de desestabilizar a pessoa que fica em cima*) na terceira ou quarta altura (*3 ou 4 pranchas revezando-se com 3 ou 4 cilindros*). Também faz cama elástica e palhaço. Quer dizer, nós paramos mas temos nossa continuidade. Olha aí ó, temos um espetáculo!

Agora, a mãe dela, a minha nora, esposa do meu filho, também é uma grande artista. Ela chama Ilma Frazão. É família tradicional do norte.

Porque sabe de onde vem os grandes palhaços, os verdadeiros artistas? Lá do norte.

Eles fazem uma piada natural, que surge na hora. Então o avô dela trabalhou no meu circo, no norte. E o pai dela eu conheci pequenininho... olha como o mundo dá volta, o circo...

Ela faz número de deslocação (*contorcionismo que desloca os membros*), aquele das olimpíadas... ela põe os pés aqui ó!

Mas mesmo ela, claro, teve os filhos (*ela já tinha quarenta anos*), mas um dia desses se apresentou, sem ensaiar, de repente precisamos e ela foi fazer seu número.

Ela, mãe de cinco filhos, fez... a gente precisou e ela fez, quer dizer, que a nossa família tem continuidade.

Quando que a senhora percebeu que o circo não estava mais naquele auge?

Elza – Olha, o circo ainda tinha aquela alegria, mas sabe o que decaiu mesmo no circo? Foi esse acontecimento com o circo que estava no norte, onde o leão pegou a criança.

Não tô defendendo a nossa parte, tô falando do descuido de uma mãe e de um pai.

Sentado num camarote, o circo não é como antes, agora eles fazem aquele picadeiro alto com o trator, ele levanta e fica assim, aquela concha assim pro palco.

A menininha... estava na hora do intervalo, e o leão já estava solto na Jaula, uma jaula grande com proteção em cima.

A mãe ficou descuidada e a menininha subiu e foi lá brincar com o leão. Criança inocente, pensou que era um gatinho, um cachorrinho, aí o leão... Quer dizer, foi uma fatalidade.

Não tô julgando a mãe, que hoje deve chorar lágrimas de sangue, foi uma fatalidade.

Porque se você vai num parque, por exemplo, você larga sua filha na roda gigante, na montanha russa? Não, você vai junto carregando.

Quando a pessoa vem meter o pau no circo, eu retruco e falo justamente isso.

Então, essa fatalidade até hoje está atingindo os grandes circos, por exemplo o circo norte-americano.

Ele era um zoológico ambulante. Tinha tudo quanto é bicho. Hoje eles só não estão na miséria, porque juntaram um monte de brinquedo que ganharam.

Eles sobreviveram só com o número de picadeiro.

Só a família Stevanovich, uma família tradicional, não parou, eles continuaram, são teimosos, levaram circos, animais, mas um dos artistas teve um infarto quase morreu.

Quase todos tiveram derrame depois que tiraram os animais da convivência deles.

Eles deram continuidade chorando, sentindo falta dos bichos.

Porque você passa mal, um animal como parte da tua vida um animal que você cria, olha, e que dá sustento. Você tem que tratar bem aquele animal.

As pessoas falavam que os animais morriam de fome, que os tratadores davam gato.

Não se pode dar um gato, um animal custa uma fortuna, dávamos carne mesmo, osso, costela, galinha... Limpava a galinha, tirava a pena, o bico e as unhas, porque pode arrebentar por dentro.

Os animais eram bem tratados porque também eram nossa sobrevivência.

O pessoal vinha de dia pra ver o circo, chegava e cercava pras crianças não passarem. E tinha dois ou três empregados ali cuidando, com uma distância de uns 4 metros ali, daqueles bichos.

Mas o que acabou com o circo mesmo... é uma grande verdade, foi o Rodeio.

É animal que eles prendem as partes íntimas dos bichinhos, né, dão chute...

Derrubar o peão, maltratar... nós tivemos a oportunidade de montar umas tendas, umas barracas num rodeio perto daqui, em Jaguariúna.

Durante o dia você passa a mão num boi, e dentro da arena, ele não faz nada, é manso, quer dizer, será que o boi é tão artista que só fica bravo na hora do espetáculo ou ele está sendo judiado?

Isso é uma coisa que não se explica, então por que ninguém fala mal dos rodeios?

Agora por que o circo com animais acabou e o rodeio teve esse auge, estão todos milionários... por quê?

O governo, a prefeitura, o delegado, eles mesmos apoiam, dão valor, porque entra muito dinheiro... Eles querem ver os bichinhos sendo mal tratados, ver o peão cair, se machucar...

O rodeio tem essa capacidade de força porque gera muito dinheiro, eles calam a boca com o dinheiro.

E o circo por sua vez é uma classe meio pobre, com poucos estudantes... Então a gente lamenta essa parte.

O que a senhora sente quando vai num circo ver um espetáculo atualmente?

Elza – Olha, o circo mudou muito! Não é mais aquele circo da minha época, vocês não são tradicionais de circo, mas

vocês, desculpa se eu posso te ofender, mas nas nossas palavras são aventureiros.

Porque vocês tem essa aventura, se entrosam no nosso circo e gostam, apreciaram nosso espetáculo.

A gente mexeu com o coração de vocês. Ninguém pegou e empurrou vocês na marra, então nossa palavra pra vocês é aventureiro.

Vocês são artistas. Porque eu sei. Eu sinto, conheci, eu sei.

Quando entra uma coamba (*artista fraco*), que não sai daquilo... A gente também sabe.

Vocês nasceram com esse sangue, de agilidade. Nós ficamos porque vocês apreciam, gostam, porque nossa classe não está morrendo.

Agora, você não vai num circo como antigamente. O artista se atirava num trapézio e não queria saber se ia cair ou se arrebentar, ele queria agradar.

A gente subia num trapézio e o outro te esperava, a gente ficava no ar, pegava aquela força, aquele impulso como uma ventania, e ia embora, queria agradar, você quer que o público bata palma, nem pensava no risco.

Hoje, você não vê mais essa emoção.

Na minha época do circo também existia o teatro, que na primeira parte era o trapézio, salto, palhaço. A segunda parte eram os animais, na terceira era o circo teatro. As grandes peças, ‘O Mundo Não me Quis’, o ‘Céu Une os Corações’, eu não consigo lembrar muitas, são muitos dramas.

Teve uma época que nós fomos para o Caribe, nós fomos trabalhar no circo do irmão do meu marido que tava muito doente, nós saímos de um circo grande do Charles Barrit, que são tradicionais do circo também, aí nós largamos o contrato pra ajudar o irmão dele que tava muito doente, e tava a minha cunhada com dois filhos, três filhos.

E eles não tinham como tocar.

Aí e falei nem tudo é o dinheiro, nem tudo é muita fantasia, nem tudo é tudo. Vamos ajudar.

Largamos tudo e fomos ajudar ele.

Acabou, ele faleceu, e morrendo no hospital das clínicas, pegou na minha mão e disse: “Vai buscar o microfone que tá quebrado, numa vila lá em Itaquera se não como é que vocês vão anunciar o espetáculo, sem um microfone?”

Morreu falando isso! Daí você vê o exemplo de quem é o verdadeiro artista, tá morrendo, sabe que vai morrer mas não esquece a obrigação, o plano que ele tem na cabeça do circo pra não parar, ter a continuidade.

Como está a situação de vocês hoje em dia?

O artista sofre por dois motivos, de alegria e tristeza, e eu não tenho vergonha de falar. Nós, pra sobreviver aqui dentro dessa cidade, só não roubamos, não matamos e nem pedimos esmola graças a Deus.

Mas me dói, porque a gente vende nos eventos, eu, meus filhos e minhas netas, pipoca, algodão, balinha, chiclete.

A minha neta, a outra que é casada, vende cerveja, guaraná e algodão-doce e eu e o meu filho cuidamos da cama elástica pra ganhar dois reais, mas e o nosso espetáculo?

Dói, porque eles tinham que chamar a gente pra apresentar lá dentro! Lá em cima daquele palco, quem tinha que estar lá era um dos meus netos, meus filhos.

Vender doces não é nosso, não é nosso feitio, a gente faz porque precisa sobreviver, comer... o que podemos fazer?

Porque os meus filhos não são pessoas que tem estudo pra entrar de gravata, de carro, entrar num escritório e tomar conta de uma firma, eles não tiveram esse estudo.

Mas nós temos o estudo da sabedoria que é a arte e de trabalhar pra todo mundo, aplaudir, mostrar uma cultura, é uma coisa linda. Então dói, eu tava ali vendendo doces e chorando por dentro. Eu não tava nem escutando o cantor nem a dança da rua.

A minha neta faz número de tecido, a outra faz um de arame muito bonito, elegante, boa roupa pra apresentar e eles trazem artistas de fora pra apresentar aqui.

O povo mesmo fala, por que vocês não foram apresentar? Por que não chamaram vocês?

As pessoas pobres não tem valor, não tem força pra chegar e falar lá: ‘põem gente do circo’.

Eles querem escutar gente de gabarito, gente rica, gente da sociedade que são tudo uns... Perdoa, mas são uma corja, um querendo roubar mais do que o outro.

E nós estamos querendo trabalhar. Nós queremos mostrar nossa arte. Me dá pena dos meus filhos, porque eles também sentem o que eu sinto. Por que que eu envelheci?

Eu não tô triste porque eu tô mais velha do que eu aparento, quando a pessoa pergunta eu falo que tenho 70, que eu fiz agora 71.

Mas eu aparento mais idade. É o sofrimento. É a humilhação.

A gente é considerado ninguém, sabe... me dói quando as pessoas perguntam ‘cadê o circo’? (*refere-se ao circo de lona que eles guardam atrás do terreno*).

O circo tá jogado, tá enferrujando, mas aquilo é uma alma. Não é um material. Não é um pedaço de ferro enferrujado. Torto.

Meus filhos estão sempre pintando. Porque a ferrugem come. Tá tudo guardado.

Dói... o material que a gente tem, então é igual a um túmulo.

É igual uma pessoa que morreu, tá enterrada e você não pode desenterrar, porque está debaixo da terra.

É a mesma coisa o circo, não conseguimos desenterrar o circo, pra botar pra frente, pra levantar a lona e dar aquela alegria, porque o circo ainda traz alegria.

Os alunos que nós ensinamos pequenininhos assim, ainda nos cumprimentam ‘Ô vó!’.

Agora cadê o governo? Dá vergonha. Dia 28 nós temos reunião.

A gente cansa de marcar reunião, é sempre a mesma ladainha.

São palavras perdidas, que não entram na cabeça e nem no coração deles. Eles não são humanos.

Parece que eles dizem assim ‘Então o que vocês querem? Por que não vão embora?’

A gente sente que eles falam ‘Vai procurar outro lugar!’

Uma vez uma advogada, mulher de uma pessoa importante na cidade, falou umas palavras pra mim e eu respondi na mesma altura.

Não me importei se ela poderia me processar.

Nós fomos procurar serviço, vender espetáculo, e ela falou ‘Se vocês acham que não tem como sobreviver aqui, que vocês não tem serviço, mudem de cidade. Procurem outra cidade!’

Eu falei ‘eu procuro outra cidade, mas não foi você quem mandou eu vir pra cá... sabe quem arrumou essa cidade pra nós ficarmos? Chama-se Deus’.

Não tô desvalorizando e nem maltratando nenhuma religião, porque toda religião fala primeiro a palavra de Deus. Porque nós somos crentes, batizados, mas eu sou a mesma pessoa de quando era católica.

Porque Deus é um só. Deus que nos colocou aqui. Agora se a gente não viesse para essa cidade, como te falei, íamos morrer de fome tocando circo.

Aqui foi um refúgio.

Mas esse refúgio ainda continua.

Quanto tempo faz que vocês estão aqui?

Elza – Dez anos. Dez anos né, gente?

Filho da Elza – Nós morávamos em Artur Nogueira, aqui pertinho, e uns cinco dias antes do Natal, nosso Circo deu 30 reais de bilheteria.

Vimos que não tinha jeito, mas fizemos o espetáculo mesmo assim.

Então fomos lá pra Bragança Paulista e de Bragança Paulista viemos pra cá de volta.

Aí pensamos: ‘Deus preparou essa cidade, então estamos aqui.’

Hoje a gente não sobrevive pela arte do circo, mas Deus abençoou os toldinhos, Graças a Deus abrimos uns toldinhos... *(toldos que eles alugam e confeccionam para eventos).*

Elza – O meu filho não vai gostar muito de eu falar. O outro também, eles se sentem até envergonhados quando eu falo isso, mas como nós estamos aqui se revelando, tirando tudo que tem daqui com emoção e com alegria, o que é o circo?

O circo não tem nada a ver, coitado!

Pra você ver o que é o circo, nós nascemos no movimento, na luta, na dor.

Esse grande artista, domador *(refere-se ao seu marido).*

Esse moço... você sabe do que ele vive hoje, não por dinheiro, sabe o que é? Pra tirar dele a solidão que ele tem no coração e a tristeza... ele cata latinha, sabe por quê?

Lá no centro tem os moços de moto, que tocam música, o carro aberto, toca aquele som, ele começa a dançar, a mocidade toda gosta dele.

Ele cata latinha, sabe pra quê? Pra ter umas duas, três horas de alegria no meio do povo.

Nós Já brigamos, já conversei, mas não adianta. Tá no sangue, só se eu acorrentar ele, porque ele sente falta do público, ele vai catar latinha.

Ele some. Termina a festa, a gente vai procurar ele. Dá dez horas ele não veio almoçar, jantar, dormir, eu e meu filho vamos procurar ele, e lá vem ele carregando.

E dá dó, eu falo ‘Você não precisa. Em casa tem um prato de arroz e feijão, você tem uma cama pra dormir, um café

com pão os outros vão ver você, e vão dizer até que nós estamos obrigando você a fazer esse serviço’.

Todo serviço é honesto, não estou desfazendo. Muita gente mexe com isso aí.

Mas ele trabalhou muito, tá velho, cansado. Por quê? Porque ele gosta de alegria. Tá sentindo falta do circo.

Marido da Elza – Todo mundo gosta de mim na cidade.

Como é pro senhor, tendo sido um domador, ver esse alarde todo que as pessoas fazem em cima dos animais?

Marido da Elza – Eu me senti mal e tô sentindo até hoje por eu ver aquilo que nasci fazendo, acabar.

O chimpanzé, o melhor chimpanzé do Brasil era meu.

Então eu brinco com todo mundo, vou pra cidade, o pessoal fala comigo ‘Ei, oi... Tudo bom?’

Elza – Palhaço do circo, ele começa a dançar, os granfinos dão guaraná pra ele, ele senta na mesa com os aqueles granfinos, ele começa a fazer palhaçada e se sente bem.

Marido da Elza – É, eles falam: ‘toma uma Cola-Cola aqui, toma uma Cola-Cola.’ Aí me dão a Cola-Cola, eu bebo...

Filho da Elza – A minha mãe falou para um empresário assim: ‘Olha, nós temos um dinheiro aqui, dá pro senhor levar a gente pra Miami?’

Aí foram pra Miami os dois, eu tinha 8 anos de idade.

Chegaram lá e compraram 5 chimpanzés.

Eram macacos super inteligentes são os mais inteligentes do mundo, né? Eles pegam bicicleta, andam de carro, de bugue, aquela coisa toda.

E meu pai ensinou eles muito direitinho.

Até aquela atriz, famosa, que já fez filmes de pornochanchada que hoje é a Vera Fischer, fez um filme com o macaco: ‘A Virgem e o Machão’, procura isso no Museu dos Filmes, lá na Santa Ifigênia.

O Milton (*o macaco*) fazia essa participação no filme, só que meu pai atrás das câmeras que falava, ‘Milton faz isso, Milton faz aquilo’.

Aí a Vera Fisher tinha um marido que era bonito, e nessas alturas o marido saía e falava, ‘Milton, você vai cuidar da minha mulher, hein?’

‘Toma cuidado, que eu tô meio desconfiado que ela tá me traindo’. Aí ele saía, e esse era o enredo do filme.

Aí, daqui a pouco minutos depois, o cara vinha, saía com a mulher dele, e o Milton via aquilo lá, pegava as roupas dos amantes e escondia.

Quando chegava, o patrão: ‘Ô, Milton, e aí você cuidou...?’

Esse filme chamava ‘A Virgem e o Machão’, eu tô falando de 35 anos atrás mais ou menos, 40 anos atrás!

Então meu pai foi muito famoso na época. Trabalhou com o Chacrinha, José Abelardo Barbosa.

Marido da Elza – O Silvio Santos ficava “assim” (*íntimo*) comigo.

Filho da Elza – Pagavam passagem pra eles (*o marido da Elza e o macaco*), mais o cachê, o macaco Milton era jurado do Chacrinha ao lado do Paulo Silvino, que hoje fala ‘Cara, crachá, cara, crachá’.

Era muito famoso.

O Raul Seixas tem uma música que diz assim ‘Eu já vi um macaco, é um macaco de auditório de televisão’

Homenagem ao meu pai.

Essa geração que tá vindo agora não sabe...

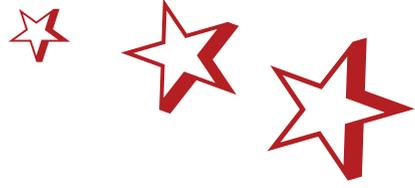
Elza – E o Silvio Santos.... o Silvio Santos queria comprar o macaco!

☆☆☆ **Elza Marlene** ☆☆☆

ARTISTA







Dora Sofia Rutiz



Encontramos Dora Sofia em um asilo de São Paulo, muito frágil, deitada em uma cama. Ela nos recebeu entusiasmada, separou fotos, nos mostrou uma a uma enquanto respondia às nossas perguntas. Como quase todos os entrevistados, seus olhos marejavam de lágrimas que insistiam em cair.

Por mais que as rugas tivessem coberto todo seu rosto que antes fora de uma beleza estonteante, denunciavam uma vida no mínimo excitante, era intenso o brilho dos olhos da nos-

sa telepata, sensitiva, advinha, porque, como ela mesma diria, “bem vindo seria qualquer adjetivo que me trouxesse credibilidade”. O importante é que “enganávamos” bem o público... Afinal, ele estava ali para ser enganado.

Essa mulher forte passou parte da vida atuando com o marido, até enviuvar. Depois continuou atuando como empresária ao lado do filho, que também viu morrer. Restaram as lembranças guardadas nos álbuns, debaixo da cama que agora confortava seu corpo frágil.

Nesse dia ela queria apenas contar sua história.

Conversou conosco mais de uma hora, com dificuldade por causa do sotaque espanhol e do ambiente que abafava o som.

Dora Sofia faleceu depois de ter participado por duas vezes de nosso espetáculo e ser aplaudida de pé, coroando seus últimos dias como deveria ser o fim de todos nós, artistas.

Entrevista: Dora Sofia Rutiz

O que é o Circo para a senhora?

O circo, sempre será o circo! Onde existem crianças, haverá circo. Porque o circo é uma diversão sadia, o antigo e o de agora... Números formidáveis, os palhaços são maravilhosos, eles começam desde pequenos, e é muito linda a vida deles, sabe, são nômades, que não ficam muito no lugar.

Eu prefiro ter um número cômico, entende, um número que faça rir muito, para crianças. Então sempre um é o sabido, e outro, o ignorante.

A gente sempre aplaude aquele que fala bobagem. Eu acredito que a alegria, do circo é a melhor que tem. É um lugar muito lindo, e eu acho que agora melhorou muito as atrações.

Antigamente fazia mais o teatro. Então tinham as peças e contratavam-se conjuntos que cantavam e dançavam.

O que a senhora fazia no circo?

Eu fazia telepatia (*número de transmissão de pensamento*). Te explico como funciona. Nós saíamos os dois, meu marido ia sempre muito bem arrumado, sabe. Ele de fraque e eu bem vestida, porque era tático. Tinha que estar...

Tinha que estar bonita?

Eu te mostro a foto.

Naquela época se usava vestido assim, com muito pano... Mas eu gostava mais daqueles vestidos justos que você não consegue andar.

Eu entrei num circo, no Peru. Mas era um circo diferente.

Uma orquestra, a gente saía e eles tocavam uma música. Quando chegava lá, cumprimentava e ele parava. Tinha uma coisa tão linda, o circo, que não tem em outro lugar, sabe? Porque ele dá movimento, alegria, não deixa cair. O espetáculo vai.

Eu fui acidentalmente pro circo, sabe, meu marido andou passando no circo e a gente ganhava muito dinheiro.

Eu descia na platéia, conversava com uma pessoa, havia uma coisa muito simpática. Antes de nós vinha o número forte, e depois íamos nós. E o palhaço, o palhaço ficava quietinho.

A gente quer fazer um número de adivinhação no nosso circo.

Mas a telepatia não é adivinhação. Às vezes eu tinha que explicar porque a gente não advinha. As pessoas diziam que eu descobria até coisas que nem falava, elas queriam acreditar.

Quantos anos a senhora tem?

Eu tenho 88, na época que eu parei de trabalhar, quando meu marido morreu, eu tinha 40. Fiquei com meu filho, mas continuei fazendo, porque levávamos show pra crianças, crianças pequenas, que a gente tem que distrair enquanto as mães conversam. E pagavam muito bem.

A gente trabalhava com eles, eu tinha muita prática.

Meu filho falava ‘não se preocupe mamãe, não se preocupe’. Aí ele saía primeiro.

Eu apresentava o palhaço (*o filho de Dora Sofia*), e ele falava ‘vocês não me conhecem, e agora vão ver que eu sou uma pessoa como vocês, agora vão me conhecer’.

Então sentávamos todos num círculo e ele ia no meio. ‘Agora, eu sou o palhaço’. Primeiro a pintura, porque o que eles se assustavam era a pintura. Então primeiro o branco, todo branco. Depois a sobancelha grande, e ia fazendo a maquiagem. Então ninguém chorava, estavam vendo como se pintava um palhaço.

Então, eu falava ‘esse menino...’ Não falava que era meu filho pra não cobrar menos.

Eu trabalhava em televisão e quando chamavam aquele rapaz, eu dizia ‘aquele garoto? As crianças gostam daquele garoto’.

Os clientes ligavam e perguntavam ‘ah, que horas ele pode vir?’ e eu falava, ‘daqui a pouco eu telefono e te falo’. Sempre que eles ligavam eu dizia que ele era muito ocupado, estava fazendo show, e eles diziam ‘eu pago o que ele pedir’. Assim eu vendia o meu palhaço particular.

Eu dizia pro meu filho, ‘sou eu que faço sucesso! Ninguém cuida de você como eu’ E tinha confiança.

Ele gostava muito de crianças. Tinha jeito de criança, era meio criança. E grandão, alto. E magro, bem magrinho. Então... Ele morreu.

Morreu quando eu vim pra cá (*pro asilo*). Ele morreu com 44 anos. Tava ensaiando Dom Quixote, fazia teatro. Dom Quixote de La Mancha.

Tinha feito muito sucesso e vendeu para a Globo a peça Olga. Levaram quase um ano viajando, pagos pela Globo.

Como ele se chamava?

Jorge Perrone.

Ele era uma pessoa que se fazia. Ele sabia manipular mesmo. Sabia agradar. Um dia ele foi receber um cheque de um cliente com uma criança aqui no colo e outra andando. Então as mães gostavam dele por causa disso. As crianças adoravam. Espaguete. Adoravam o Espaguete.

E a senhora fez show em muitos lugares?

Em muitos lugares da Europa, trabalhava em show de circo. Trabalhei em Madrid numa casa muito.

Muito... Aquela princesa de antigamente, ia gente finíssima.

Faríamos um show de 15 dias, mas ficamos 50.

Eu tinha um contrato em outra parte, mas então me disseram ‘você vai, mas volta de novo’.

Porque eu tinha feito meu público, né? Então não queria deixar. Eu trabalhava em casas de primeira.

O cabaré às vezes me chamava pra trabalhar mas eu recusava porque não era lugar para artistas muito bons.

Eu gostava muito da Telepatia, porque era divertido. A gente brincava muito com as pessoas. Então se tinha uma pessoa com cabelo feio, meu marido perguntava ‘o que preocupa o senhor?’ E eu respondia ‘o cabelo’.

Tinha um número que eu gostava, ficava de costas com os olhos vendados e adivinhava o documento da pessoa que estava sentada, claro que era um truque, mas as pessoas achavam que era vidência mesmo! (*risos*). E eu vou saber?

Como era o truque?

Saía sempre de vestido longo e venda na mão. Às vezes eu punha vestido de Condessa, eu tenho lá uma foto com meu marido.

Era todo dourado aqui, e atrás tinha um rabo, verde.

Meu marido falava pouco, não podia falar muito. Nós tínhamos um código muito perfeito.

Nota: O número de adivinhação que Dora Sofia fazia exige muita concentração e raciocínio. É quase como aprender uma outra língua, todo baseado em códigos com palavras soltas e letras que simbolizam números.

Ele falava uma palavra e a senhora adivinhava?

Isso! Eu por exemplo, fazia rapidinho.

E eles diziam ‘você tem memória!’. Mas não precisa de memória.

Eu fiquei um ano e meio na Espanha, além da Itália e Colômbia. Fazia cada dia num ponto. Eu fui uma pessoa muito feliz, nunca tive problemas...

Depois que meu filho nasceu, nós ficamos um ano e meio na Espanha, depois um ano e meio nos Estados Unidos e viajamos pra todos os estados quase. Aquele estado perto do México, e Texas e Arizona.

A senhora se arrepende de alguma coisa?

Absolutamente não! Primeiro que a nossa maneira de viver... Eu aprendi com o show business.

Como o circo apresentava a senhora e o seu marido? Tinha um mestre de cerimônias?

Tinha, sempre tem, ele que ajuda o palhaço. Palhaço trabalha muito, é o que mais trabalha. Era tudo ensaiado... era fácil. Eu aprendi assim, porque eu nunca tinha trabalhado, e pagavam bem. Depois fomos para Equador, Equador tinha muito para trabalhar. Colômbia...

Me faz uma falta, eu lembro do que fazia e dou risada.

Meu marido me preparou pra morrer sabe, porque ele era um homem muito quieto, forte, mas ele falava suave e tal, mas quando ele falava uma coisa, cuidado com ele.

Ele falava ‘você é a minha artista’. No número, eu nunca errava nenhuma palavra. O que tem no número 15? Tal coisa? E a gente sempre tinha uma coisa muito cômica sabe? Ele era muito inteligente, fomos muito felizes. Nunca nos separamos um dia.

Onde a senhora nasceu?

Argentina, cidade de Córdoba. Depois fui pra Buenos Aires e estudei Teatro com um diretor russo, muito bom diretor. E não só teatro, tinha que fazer Ballet, um monte de coisa.

Como era o nome da dupla?

Zaida (*mostra foto dos dois em cena*).

Como a senhora era linda! Ele era lindo também.

E ele dizia: ‘eu te criei’.

A senhora parece artista de Hollywood. Não parece? Olha essa, dela mentalizando... Que legal... Caramba quanta foto!

Essa foto é horrível, ele falou ‘põe a mão assim’, mas que foto estúpida, parece que eu to com dor de dente.

Essas roupas que eles usavam pra um show ele alugava por 25 dólares por semana. Linda a roupa, linda.

E essa aqui é a senhora?

Eu com meu filho pequeno.

Eu te digo, a Europa foi uma coisa de louco.

A senhora cantava?

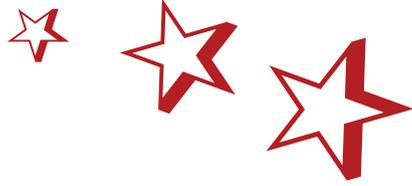
Cantava um pouco, porque gostava. Eu cantava três mulheres, depois trocava a roupa e ia pra pista fazer o número. Aqui nós fizemos uma festa pra este palhaço, o Carequinha. Ele já morreu há muito tempo. Nós fizemos uma festa pra ele. Aqui é minha chegada a Nova York. Um frio danado! Eu fui com um montão de roupa.

☆☆☆ **Dora Sofia** ☆☆☆

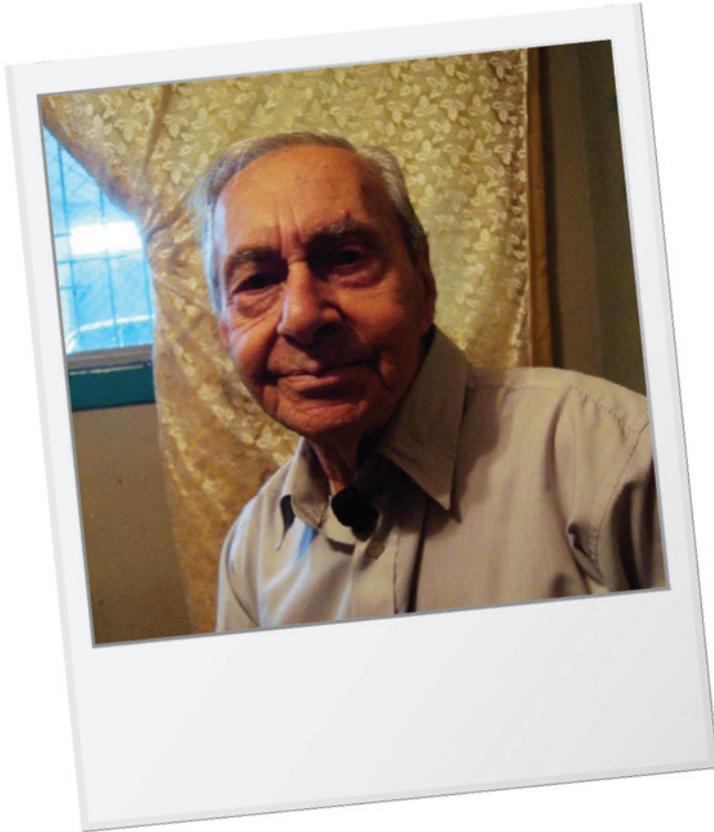
ARTISTA







Benedito Esbano



Tinha acabado de tentar marcar uma entrevista com uma senhora de Circo, que não teve o mínimo interesse e paciência comigo e ainda foi grossa quando expliquei sobre o projeto. Confesso que senti um pouco de raiva mas, por sorte, liguei em seguida para uma pessoa com uma voz calma, super educada e com mais vontade e paixão de falar sobre Circo do que eu mesmo tinha para perguntar... Era o Sr. Benedito Esbano, que me tratou com uma educação impressionante.

Sim, ele é um palhaço, um verdadeiro palhaço de Circo. Mas que palhaço gentil... com um amor pela profissão como nunca vi.

Um senhor de 84 anos que ainda cria, escreve, sonha e realiza. Um caso raro nos dias de hoje.

Disse que o Circo para ele é uma família, por isso não sei se o chamo de pai, tio, avô... Só sei que ele é meu parente! Ah, como eu queria ter um parente desses!

O Sr. Benedito é um espécime em extinção, uma pessoa que quer dormir tarde e acordar cedo para não perder tempo.

Já do palhaço PicoLy nem preciso falar. Sorte das pessoas que o viram em ação...

Fomos até sua casa para uma entrevista e recebemos uma lição de vida. Muito obrigado, Benedito... *(sem o "senhor", como nos pediu)*.

Entrevista: Benedito Esbano

O Senhor ainda se apresenta como palhaço?

Me apresento. Semana que vem vou fazer um show ali no Instituto Ana Rosa, às nove e meia da manhã, para 400 crianças. Vou levar meu filho também.

Eu, sinceramente, me sinto muito à vontade quando me entrevistam, tanto pra falar do palhaço, como do circo, de todo o tempo do circo.

Eu gosto muito disso, então procurei me aprimorar neste ponto. Aquilo que vocês acharem mais interessante eu respondo e posso me estender, até quando quiserem, como diziam... eu sei fazer uma palestra.

Mas agora, se não tiver pergunta nenhuma pra responder, então o que adianta falar “circo começou, segundo arqueólogos chineses da velha China, há cinco mil anos atrás, com inscrições e marcas e sinais nas pedras. Depois vieram os Saltimbancos, que se uniu ao Philip Astley, aquele militar inglês”?

Eu vou acabar chateando, então quando me perguntam eu já sei, eu respondo, me estendo e me abro em cima da pergunta, pois eu estou falando aquilo que eles estão querendo saber, você me entende?

Eu sou muito prudente das coisas, sou macaco velho, então, eu entendo o que você fala, e sei como falar. Esse tempo, por exemplo, você falou na década de 50, 60... Foi na década de 60 quando acabaram os circos teatro, né, porque o circo era... e se eu for falando, não sei, mas você pode, me pergunte o que quiser e eu já sei o que vocês querem saber do circo antigo. O que me perguntarem eu vou responder.

A gente está quase em 2010, de 1950 pra cá são 60 anos. Naquela época quantos anos o Sr tinha?

É, eu sou de 27, 37, 47, 50... 23 anos!

Meu nome completo é Benedito Esbano. De palhaço, PicoLy.

Eu pertencço à família Esbano, já estamos no momento com quase 50 pessoas dentro da família, eu sou o patriarca, o mais velho de todos e todos têm atividade circense até hoje, a minha sobrinhada e tudo aí, estamos na quinta geração circense.

Agora, como foi que começou tudo, né?

Antes de entrarmos em circo o meu pai e o meu irmão Zurca Esbano, que já não está mais com a gente, já eram atores, eram de teatro, então eles faziam aquele famoso teatro mam-bembe, formava-se uma trupe que partia em base de cooperativa pelo interior, dividindo o que ganhavam e o que não ganhavam, eles já faziam isso.

Eu também quando era criança fazia teatro, mas, em 1942, tinha eu 15 anos, passou pela minha cidade, Guaratinguetá, o circo 'Nova York', grande circo-teatro do famoso palhaço Pelado, um grande palhaço e grande ator.

Na época do circo-teatro, quando saía um, dois ou três artistas, desmontava-se o repertório, porque o repertório era grande e ficava debilitado sem os atores.

O circo-teatro apresentava uma peça por dia, drama e comédia, então, na última semana dessa temporada do circo Nova York na minha cidade, saiu uma família com 4 pessoas e como o dono do circo já nos conhecia, porque nós éramos de teatro, nos aproximamos, é claro.

Ele nos convidou para acompanhar o circo. Ora, nós já fazíamos teatro, o circo era circo-teatro, não é? Então não pensamos duas vezes, foi aí esse nosso começo. Nós entramos no circo Nova York em 1942. Meu pai, minha mãe, eu e meu irmão, quatro pessoas.

Desde então, foi tudo maravilhoso, muito bom.

O Senhor já começou como palhaço, ou aprendeu depois?

Não, não comecei. Tinha 15 anos.

Agora, o meu pai, nas peças que a gente levava, fazia sempre a parte cômica.

Então nós ficamos... Depois de dois anos no circo Nova York, tinha eu 17 anos, nós saímos do circo e compramos um circo pequeno e o circo precisa de palhaço, né, eu sempre digo, pode faltar tudo no circo, trapezista, globista, perchista, malabarista, agora, o palhaço não pode faltar.

O meu pai sempre fazia as partes cômicas no teatro, então não houve dificuldade nenhuma pra dar um pulo pro palhaço.

Ele foi o primeiro palhaço Picoló.

Eu então, com 17 anos, fazia o Clown pra ele (*palhaço escada, que dá suporte para a piada final*).

Era aquela roupa bonita, de apliques, de tecido, sapato de verniz, aquela meia branca toda na perna, de cartola, luvas brancas e bengala na mão.

Porque quando se fala em Clown se fala muito no Pierrot, que também existia, mas o que eu fazia era o elegante. O palhaço bonachão.

Então eu fazia isso para o meu pai. E ele sempre foi muito simpático, gostava também de fazer o palhaço, né, gostava muito, então os dois agradavam.

Aí, em 1957, aqui em Guarulhos, meu pai faleceu vítima de um acidente em cima do palco.

Era uma matinê, nós estávamos levando aquela chanchada ‘O Morto Que Não Morreu’ e meu pai era o palhaço, aquele cômico, e todas aquelas chanchadas terminavam sempre com todo mundo dentro do palco, aquela correria, sempre terminava assim. Então quando no final dessa ‘O Morto Que Não Morreu’, toda a ‘comparçaria’, como a gente chamava, todo mundo ali no palco, e como na comédia tinha um revólver de pólvora seca que a gente usava, meu pai então, com aquele revólver na mão pensou ‘vou dar um tiro aqui, pra terminar mais quente, aquela platéia toda vai se assustar, aquela coisa toda’.

Mas, com muita gente no palco, ele em vez de atirar pra cima, decidiu atirar pra baixo, e aquele tiro era pólvora seca, mas pegou no seu joelho, e o feriu.

Foi pro hospital, fez o curativo e tudo aquilo... Uma semana depois, quando parecia que estava bom de tudo, ele sentiu-se mal, voltou para o hospital, o médico perguntou ‘o Senhor tomou injeção contra o tétano?’

E a gente era meio inocente naquele tempo, se fosse hoje a gente diria pro médico ‘eu quero que ele tome!’ Mas ele não tomou, isso foi na segunda-feira... Na terça ele nos deixou.

Mas, o espetáculo continua, não é? Não pode parar.

E ficamos sem palhaço, tínhamos naquela época um teatro, um pavilhão teatro, um pavilhão bonito, muito teatro e variedades e circo também dentro do pavilhão. Teatro popular volante.

Aí meu irmão disse ‘escuta: você vai ser o palhaço’. Aí eu disse: ‘perai, eu por quê? Por que eu?’

E ele disse ‘você já conhece as entradas cômicas do palhaço e tudo, então você é o que está mais próximo para substituir o nosso pai’.

Todos insistiram e eu achei que estava certo. Entrei no palco, naquele picadeiro que na época era teatro, escolhi uma entrada que me facilitasse, que desse mais campo pra que o palhaço fizesse graça, pra que fosse mais engraçado, já pelo próprio texto e comecei, herdando o nome de meu pai Picoly.

Foi então que comecei a fazer, por necessidade, o palhaço Picoly e hoje agradeço a Deus por ter sido eu o substituto de meu pai, porque eu amo, gosto muito.

O Senhor se tornou palhaço quanto tempo depois que seu pai faleceu?

Depois do acidente do meu pai, foi questão de dias pra começar a fazer o palhaço. Não havia motivo para ficar pra mais tarde.

Mas eu estava falando sobre o circo antigo, né? O circo antigamente era muito gostoso.

O que tenho mais saudade na minha vida é do circo-teatro.

A gente fazia temporada de 3, 4 meses.

Quando deixamos o circo-teatro, tínhamos 40 peças no repertório.

Tem uma particularidade que eu gosto de falar do circo-teatro e do palhaço.

O circo de tiro que vocês falam é circo só com números. Chama “de tiro” porque antigamente ficava só 4, 5 dias na cidade. Esses circos têm 3, 4, 5 palhaços e fazem aquilo que chamamos de reprise (*cenas tradicionais de palhaço*), até o nome dos palhaços quase não é dito ali, entram sem anunciar, sem nada e fazem a reprise e o palhaço tem liberdade, vem aquele palhaço com a cabeleira grande... Agora... todos os palhaços tradicionais do circo-teatro tinham perucas carecas.

Não tinha outro jeito, tinham o colarinho duro, a bengala, muitos levavam a chamada violeta, aquele cachorrinho invisível.

Mas, o circo-teatro ao contrário do circo de tiro, tinha um palhaço apenas.

E o palhaço tinha uma responsabilidade tremenda. Era o palhaço e Clown, que nós chamamos, não de reprise, mas de entrada cômica.

A responsabilidade era do palhaço, o circo podia ter um grande elenco, e sempre tinha um grande elenco, mas se o palhaço não pegasse, não agradasse, podia pegar as malas e ir embora. O palhaço era tudo no circo.

Quais outras famílias que o senhor acha importantes?

Roger Avanzi, o Palhaço Picolino.

É engraçado, até uma vez nós estávamos fazendo um show aqui na Praça da República, não sei se era dia do palhaço ou dia do circo, não sei, e tava eu, o Roger e o Figurinha, conhece?

E eu falei ‘engraçado parece que só sobraram nós três...’, pelo menos aqui em São Paulo, não sei nesse Brasil afora, mas, os únicos assim veteranos, que ainda conservam o tradicionalismo, o palhaço com o colarinho duro, que levanta e abaixa... nós três precisamos nos cuidar pra agüentar a barra, pra segurar. Porque do circo, se você for entrevistar esses circos de tiro que nós chamamos que só tem número, eles nem sabem o que é o começo do circo.

Os Trapalhões vieram do circo, não é?

Os Trapalhões, claro, o Dedé Santana eu trabalhei com ele no circo, ele tinha uns 17 anos por aí, e eu tinha uns 20 anos, 20 e poucos anos, nós trabalhamos no circo juntos.

Dedé Santana foi de circo, o pai dele um grande ator e artista de circo, um grande contorcionista. O pai dele, o Oscar Salinas. O Dedé chama-se Manfredi. Ele não gosta que o chamem de Manfredi. É, o Dedé foi de circo sim.

Eles que levaram essa fórmula do circo pra TV?

Não eles não foram os primeiros, porque os Trapalhões foram agora há pouco tempo.

Quem levou o circo pra TV entre 1953 e 1957 foi o Arrelia.

Na Record, o Arrelia que os meus sobrinhos, criancinhas pequenas, chegaram até a trabalhar no programa.

Ele foi o primeiro. Arrelia. Aí depois veio o Carequinha, Torresmo, eu fiz tv com o Torresmo, o Pururuca e o meu palhaço na Gazeta, no grande circo...

Depois trabalhei no programa do Bozo também, quando os americanos trouxeram o Bozo pra cá, eu e um sobrinho meu, o Canjica, nós começamos com o Bozo, fazendo a nossa parte, não tinha família Bozo, né?

Mas eu levei o assunto para outro lugar, desculpe, o senhor ...

Pode me chamar de você, porque palhaço não tem idade, palhaço é sempre jovem.

Como você conheceu a sua esposa?

Ah, minha esposa... Foi... Não me lembro a data. Nós estávamos no Pavilhão... Nós tivemos circo-teatro muito tempo, depois houve uma época em que deu aquela onda de pavilhões, pavilhão Pitanga, e tantos outros, artistas unidos.

Então nós fizemos um pavilhão coberto, com um palco muito bonito. Nós ficávamos em São Judas, no bairro de São Judas... e ela morava lá.

Era mocinha, acho que tinha 16, 17 anos por aí. Ela vinha assistir sempre e pegou amizade com a gente, acontece muito isso, o circo chega e... não só as mocinhas, mas os rapazes também, principalmente naquele tempo que o circo-teatro era muito respeitado.

No interior, os filhos de Delegado, filhos de Prefeito, estavam sempre dentro do circo, que era uma coisa maravilhosa, principalmente no interior.

Ela também, não fugindo à regra, se aproximou da gente, depois nem ficava mais na platéia, já vinha e ficava lá no palco.

E aconteceu até um caso, que eu sempre conto: Nós levávamos esses dramas grandes e tudo, numa noite. Ela estava sentada nos bastidores. Estávamos apresentando a peça ‘Deus lhe Pague’ de Juraci Camargo, grande, que o pai da Bibi Ferreira, Procópio Ferreira consagrou e tudo e foi uma das peças que mais me deixou famoso: ‘Deus lhe Pague’.

E tinha uma ponta, ponta nós chamamos no teatro, aquele papelzinho pequenininho, que nem nome de personagem tinha, era a vizinha.

Quando chegou no 2º ato, que era quando essa vizinha entrava, eu falei pro meu irmão: ‘mas peraí, quem vai fazer a vizinha?’ E então ele: ‘Nossa! É mesmo!’.

Como na peça, a vizinha era um personagem que mal aparecia, nós nos esquecemos dela. Aí foi que olhamos pra Jane e dissemos: ‘você vai fazer’. Ela disse ‘não, não!’.

Mas ela era muito esperta, daí explicamos assim na hora, entra assim, fala assim e tal e ela acabou fazendo a vizinha pra gente.

Depois, acompanhou o pavilhão com a gente e tornou-se uma bela atriz, e depois do pavilhão tivemos circo novamente, circo-teatro, circo de tiro (*que fica aproximadamente um final de semana em cada cidade*) e ela fazia os seus números de altura também. Assim nos conhecemos. Ela acompanhou, nós começamos a namorar e depois casamos.

Se casaram no circo?

Não, o meu casamento não foi no circo. Eu tenho uma filha que casou-se no circo, dentro do circo. O meu casamento foi aqui pertinho, no bairro do Limão – São Paulo, aqui.

E como era a platéia do circo?

O circo teatro, que foi o que nós mais fizemos parte, era respeitado demais, chegava na cidade e, se a cidade tinha cinema, fechava o cinema, os donos não gostavam. Não gostavam.

Nós só não trabalhávamos na segunda-feira, porque a segunda-feira é o dia do artista, não se pode trabalhar, segunda-feira é dia de folga, trabalhávamos de terça a domingo, cada dia com uma peça, e o teatro era muito querido.

Depois também naquele tempo não havia nem televisão. A TV parece que veio pra cá em 55, 50, por aí. Não tinha. Então era do circo que o povo gostava.

O circo-teatro tinha obrigação de ter três camarotes na frente: um para o Prefeito e família, outro para o Delegado e

família e outro para o Juiz e família e nós tínhamos a satisfação de vê-los, todos eles, com as suas famílias ali no circo, principalmente nos finais de semana, aplaudindo tudo.

O circo lotava quase todos os dias, aquelas peças de circo continham muito teatro e elas tornavam-se conhecidas do público do interior, então quando a gente levava uma peça, vamos supor ‘Lágrimas de Homem’ era um dramalhão. Se a gente anunciasse ‘Lágrimas de Homem’ numa quarta ou quinta-feira, lotava.

O circo tinha espaço pra quantas pessoas?

Dependia muito do circo, em geral tinham 30 metros redondos, não se usava o chamado lençol (*pedaço central colocado na lona redonda que a torna oval*), que você sabe o que é, não era circo oval, era redondo.

Tinha circo com 24, 30 metros, cabiam mil pessoas, por aí, porque tínhamos as cadeiras, as arquibancadas sempre com sete ou oito tábuas, aquela arquibancada tradicional, que não tinha a comodidade que tem as de hoje. E mesmo assim o circo lotava, veja como era querido o circo-teatro.

Antigamente não se usava a lona de plástico, que surgiu há pouco tempo.

Era paninho de algodão. E o engraçado é que o circo ganhava dinheiro, e nem impermeabilizavam o pano, nem isso, era pano de algodão, então o que acontecia, quando chovia, varava direto a água.

Mas o interessante é que o público sabia disso e ia ao circo.

Iam com guarda-chuva. Aquilo era normal, a água no circo. E ninguém deixava de vir no outro dia porque tomou chuva, não.

Outra coisa também nós tínhamos no circo-teatro, eu digo circo-teatro porque era um circo-teatro mesmo, tinham umas leis que nunca ninguém assinou, leis criadas dentro do circo, eu não sei de quando, mas que eram respeitadas.

Por exemplo, o circo está dando o espetáculo, tinham os números e tinha a primeira e a segunda parte, então, se ameaçava chuva e estávamos trabalhando e de repente dava aquela chuva muito forte que não dava nem pra encenar, que o público tinha que sair, se o circo já estivesse levado cinco números, não era obrigado a devolver o ingresso para o público.

O público já sabia e ninguém reclamava. Se já tinha apresentado dois ou três números, o circo então devolvia os ingressos com direito a um próximo espetáculo. As leis... engraçado.

Às vezes o diretor nem conhecia o artista que chegava para ser contratado no circo, então a primeira coisa que o diretor perguntava era isso: ‘você é de primeira ou de segunda?’

Porque tinha a primeira parte que era o picadeiro e depois emendava-se no palco, esquetes e humor.

Era emendado, saía do picadeiro e já ia pro palco, essa era a primeira parte e a segunda era o teatro.

Então os artistas diziam sou de primeira ou sou de segunda ou sou os dois. Geralmente eram das duas partes. Às vezes não era um grande ator, mas fazia as duas partes.

E outra coisa, o artista de circo era muito procurado, como hoje os jogadores de futebol são procurados pelos diretores de clube. Era normal.

O diretor de um circo ia lá, o outro o recebia, sabia que ele vinha ver. Mas o artista para sair do circo era obrigado a dar 15 dias para o dono do circo, para que ele pudesse procurar outro artista, não por causa dos números, mas por causa das peças.

E o diretor tinha que fazer o mesmo para mandar um artista embora. Dava 15 dias para que ele pudesse procurar outro circo para trabalhar.

Então tudo isso era muito interessante, muito importante, são leis que ninguém assinou. Não havia constituição nenhuma, não tinha nada. Mas era um respeito tremendo. Eu me lembro que meu pai dizia que, para contratar o artista, ele tinha

que conhecer primeiro o homem, depois o artista. Porque não se admitia de jeito nenhum, por exemplo, se ele bebesse. Nós respeitávamos demais o público, e o público, a gente.

Antes você ter um artista que não seja tão bom, mas que seja uma pessoa honesta, do que você ter uma pessoa super talentosa e que não sirva como pessoa; caso contrário não adianta, não vale a pena, não é?

Não vale a pena. Era respeito em todos os pontos de vista.

Porque antigamente o circo-teatro era uma família. Era a nossa família, a família França, a família Olimecha, e tantas outras, era sempre uma família.

Nesse primeiro circo que entramos, o circo Nova York eram oito irmãos Augusto. Como tem também os Melo, que estão com circo até hoje.

Era sempre família, havia um respeito em todos os pontos de vista. E o mundo do artista era ali dentro do circo.

O artista nunca se importou com o carnaval, não ia pra balada, nada! O artista se concentrava tanto com o circo, aquilo era a vida dele.

No tempo da Segunda Guerra Mundial eu me lembro, acho que o artista nem notava que estava em Guerra, porque era tanto circo, circo, que aquilo era normal.

Mas não é falta de sentimento, pelo contrário.

O Circo sempre foi muito sensível, cheio de sentimentos. A nossa profissão, antigamente não era tida como profissão. Nós não podíamos pagar aposentadoria nem como autônomos. O artista de circo nem pensava na aposentadoria. Ele não pensava no dia de amanhã.

A vida dele era aquilo: O circo, às nove horas da manhã, ensaio de uma peça nova. Nós estávamos sempre montando uma peça nova. Às três horas da tarde, outro ensaio, e à noite, espetáculo.

Tanto o artista não pensava em aposentadoria, que o Senhor trabalha até hoje.

Sim, trabalho até hoje, mas eu ainda consegui uma aposentadoria, em 83.

Mas o senhor não pensou em parar de trabalhar.

Não, não, nada, nada, de jeito nenhum. Mas o artista nunca pensa em nada, olha, nem no próprio dinheiro.

Comer e viver é o bastante pra gente.

Podíamos estar sem um tostão no bolso.

Às vezes havia praça que não ia bem, mas chegava no picadeiro e éramos reis. Olhávamos a platéia, como até hoje é feito, com a cabeça erguida. ‘Sou eu, estou aqui, vocês estão me vendo’. Então esse era aquele orgulho simples do artista de circo.

O que o senhor acha que falta hoje em dia no circo, que não se vê mais?

O circo-teatro como eu disse, acabou. Existem ainda uns por aí, muito poucos, mas existem.

Agora, eu vou dizer uma coisa pra vocês, você falou que íamos falar sobre circo tradicional e circo moderno, então, se vocês me permitem, eu digo: ‘Não existe circo antigo e o circo moderno’.

Quando acabou o circo-teatro, praticamente acabou o tradicionalismo do circo mesmo, então, hoje em dia, não se vê mais o palhaço de colarinho duro, peruca careca, não se vê isso, mas os números de circo, esquecendo o teatro agora, os números são os mesmos até hoje.

Quando surgiu o número de tecido (*figuras acrobáticas feitas em pano preso ao teto*), o que é? Uma cópia da corda indiana (*figuras feitas em uma corda que gira, também presa ao teto*). Então o que pode haver é criatividade em cima do número, aperfeiçoar aquele número, que já existiu, embelezar o aparelho.

Mas não existe o circo antigo e o circo moderno.

Agora eu gostaria muito de falar dos jovens como vocês, que não tem as raízes do circo, mas que são apaixonados pela nossa arte e que eu digo sempre: ‘São bem vindos!’

O palhaço também é sempre palhaço. Vocês podem sair com outra roupa, sem ser aquela tradicional do circo teatro, que é aquela roupa antiga, aquela pintura, aquela coisa toda, aquela bengala grossa como eu tenho tudo, mas chamo qualquer um, uma criança ou um adulto e pergunto: ‘O que é aquilo que você está vendo?’ E ela vai dizer: ‘Um palhaço’.

Agora, a diferença que tem é que existe o palhaço que abusa da graça. Porque o palhaço ele tem que ser engraçado em tudo o que ele faz. Tem que ter aqueles gestos jocosos, engraçados, tem que ser engraçado ao cair, ao levantar em tudo, nas mímicas, então ele tem que ter toda essa graça em tudo isso. Eu aprendo até hoje, não gosto desse negócio da pessoa dizer que eu já sei de tudo.

A gente tem sempre que aprender. Até hoje eu me coloco na frente do espelho e começo a fazer mímica, caretas, pra ver como é que o palhaço faz uma careta na hora da malandragem, ou da ingenuidade ou bobo, ou... Eu faço aquilo pra ver como faz.

Outra coisa, a graça do palhaço tem que ser um graça simpática, não é verdade? Tem que ser uma graça simpática. Não pode ser agressiva. Então eu procuro fazer tudo isso.

Até o próprio humor fora do circo, na televisão, no cinema, está muito agressivo hoje em dia e o palhaço não precisa disso.

Agora, os jovens como vocês que fazem palhaço e tudo, são muito diferentes, o que não diminui nada. São bem-vindos eu sempre digo, mas são mais assim, palhaços apresentadores.

E pode ser que nessa leva toda alguém tem um dom da coisa e comece alguma coisa e faça graça. Eu fui convidado por aquela historiadora de circo, a Verônica Tamaoki, então, sempre

que pediam pra eu ‘ensinar palhaço e tal’ eu sempre fugia e dizia ‘não, palhaço não da pra ensinar’.

Ou nasce com aquilo ou então não dá. E eu deixei a Verônica falar comigo no telefone assim ‘Escuta, eu já falei com o Roger e eu queria dar uns três dias de aula de circo para uns 20 jovens, rapazes e moças...’ e, ouvindo ela falar tudo isso, ‘são três dias... O primeiro dia são duas horas, depois duas horas no segundo dia, e o terceiro dia era então uma palestra com vocês todos’. Eu, o Roger e um rapaz de teatro. Enquanto ela falava eu pensava ‘puxa vida, ensinar palhaço...’

E eu pensei, inclusive o cachê que ela me ofereceu era bom, então eu já estava pensando... vou topa!

Eu topei. Lá estavam umas 20 pessoas, rapazes e moças.

Então, o que eu fiz? Levei três roupas de palhaço completas, nariz, chapéu, palito, calça, sapato grande e tudo, levei porque qualquer que vista a roupa terá mais facilidade para fazer a graça.

O sapato que é grande, faz ele dar aqueles passos largos, fica mais fácil de fazer. Na hora eu disse: ‘quem são os primeiros?’

Peguei três pra fazer, e outra coisa... já levei também as reprises.

Porque pensei ‘eles vão entrar logo de cara, não vou explicar o que é o circo, que o circo nasceu... Nada disso... Eles vão fazer!’

Então, chamei três rapazes e eles vestiram as roupas, e eu vi que eles vestiam a roupa e já começavam a se olhar, a fazer isso aqui (*Picolý levanta da cadeira, e começa a imitar passos largos de um palhaço*).

E eles estavam entusiasmados, então, expliquei para os três as reprises. Faz isso, aquilo, isso assim, coisa e tal. E eles faziam aquilo com um gosto tremendo.

As moças já eram mais difíceis de fazer, mas fizeram também, e notei ali que três deles tinham jeito e falei pros três

separadamente, pois não queria melindrar ninguém. Eu disse ‘olha, continue’.

O palhaço precisa de dois fatores pra ser um palhaço. A técnica e o emocional. A técnica é claro, os gestos, aquela coisa, cair da cadeira e levantar e estar com aquela mímica e tudo que tem que fazer.

E o emocional o que é? Gostar daquilo que está fazendo. Gostar de criança, de flores, do que é bonito. Ter sensibilidade. Eu não sei se todos os palhaços tem esse pensamento, falo mais pelo meu palhaço.

Tanto que a gente se entrega tanto que, se tiver doente e tal, aquilo desaparece na hora, eu tenho experiência disso.

Agora, uma pergunta que muitos fazem: ‘É verdade que o palhaço esta fazendo rir com o coração chorando?’ Eu sempre respondo: ‘Imagine, o palhaço é aquele que dá alegria, a coisa mais gostosa desse mundo, que faz aquela figura simpática, risonha, aquela fantasia, aquele boneco, aquele brinquedo que pra mim o palhaço é, aquela ingenuidade que não precisa de apelação’.

Mas o palhaço é um homem também, então eu sempre respondo que isso é mentira, mas o palhaço é um homem sujeito também à tristeza, ao aborrecimento e quando acontece isso ele entra em cena assim mesmo.

Aí nessa hora ele pode estar com o coração chorando, mas não pode deixar transparecer aquilo, aí ele usa mais a técnica.

Então digo que o palhaço é um boneco, principalmente pra criança.

Estava fazendo um show na Água Branca, há muito tempo, meus filhos eram pequenos, numa loja que contratou vários artistas pra fazer número de circo.

Depois de terminado, as criancinhas pequenas, de 7, 5, 8 anos... vieram conversar comigo e eu sempre dei muita atenção, ainda mais pra criança porque eu gosto daquilo que faço, não sei separar o palhaço da criança e a criança do palhaço e de repente, chegou um dos meus filhos e disse ‘Papai!’

E as crianças que estavam ali comigo olharam pra ele, depois pra mim, pensando ‘Mas que pai? Esse daqui é o nosso palhaço’.

Então pra essas crianças o palhaço não se casa, não tem filhos, não come, não fuma... Eu fumava... Há 26 anos que não fumo. Mas, eu jamais fumei de palhaço perto de alguém porque queimava aquela figura ingênua.

Um dia estou eu fazendo uma entrevista pra Globo News, estava até maquiado de palhaço, e em um dado momento então, a repórter me perguntou assim de cara, o meu nome é Benedito, e ela disse: ‘Por favor, entre vocês dois, o Benedito e o Picoly, qual é que precisa mais um do outro?’

Eu não tive nem que pensar pra responder. Eu disse olha, os dois precisam um do outro. Mas eu tenho a impressão que o Benedito precisa mais do Picoly do que o Picoly do Benedito.

E é verdade, eu sempre digo que os momentos mais felizes da minha vida são quando estou de cara pintada do que de cara limpa.

Não sei se todos os palhaços pensam como eu, é uma coisa individual.

O palhaço é feliz, eu tenho duas coisas que sempre digo no final das minhas entrevistas ou palestras: ‘O circense tem a mania de ser feliz!’

E tem mesmo por tudo o que eu já contei pra vocês e digo também que não sei se nasci no circo, ou se o circo nasceu em mim.

Os seus filhos ainda trabalham em circo?

Olha, eles nasceram em circo, todos eles fazem números e são atores.

Meu irmão tocava circo aqui, mas não estava bom pra circo e ele viajou, foi para o interior, eu continuei trabalhando aqui, tive circo aqui, e as crianças aprenderam tudo no circo.

Mas aproveitei pra colocá-los na escola é claro, pra que eles estudassem. Quase todos são formados.

Tenho uma filha mais velha, publicitária, tenho minha filha caçula que estava no último ano de direito e precisou sair por problemas de saúde, mas vai continuar.

Tenho essa que tá falando aqui, ela faz de tudo em circo, é muito inteligente, muito atirada e tenho um rapaz que também faz de tudo em circo. É acrobata, trapezista, malabarista, faz o número de laço e chicote, que é o forte da família, equilíbrio em cima da bola, atira a faca, faz tudo.

Mas ele é insaciável, ele gosta, é fisioterapeuta, fala inglês fluentemente com curso na Inglaterra. Fala espanhol muito bem, porque com 20 anos saiu daqui e foi pra fora.

Ele trabalhou 6 anos num navio, desses cruzeiros e passou 6 anos fazendo números sozinho. Agora chegou pra cá, enjoou de estar 6 anos em cima da água e o que ele está fazendo agora?

Quando criança queria ser aviador, não conseguiu. Tinham duzentos e cinqüenta vagas e como sempre, aqueles coronéis, capitães põem os sobrinhos, os filhos deles, meu filho não conseguiu.

Agora que ele voltou pra cá, ele disse, vou tentar agora. E foi pra aeronáutica, ele não pensa muito, foi e conseguiu fazer aviação civil, por causa da idade dele, 42 anos.

Ele passou em tudo, agora já esta fazendo os vôos em avião pequeno, e vai ser o que ele quer, aviador. Mas então, aproveitei pra que eles estudassem.

Mas todos eles trabalham comigo ainda, amam o circo, a minha filha Valéria, a mais velha, essa é a mais assanhada pelo circo. Ela me diz: ‘O senhor não devia parar’. Ela é entusiasmadíssima, ela sempre que anuncia os espetáculos com aquela roupa e tudo e quando ela faz um número, de todos, é a mais entusiasmada.

O senhor deve ser o orgulho da família mesmo.

É, mas o circo é uma paixão! Vocês estão dizendo! É assim que surge.

Quanto mais jovens tiver como vocês aí, amantes da nossa arte, melhor.

A felicidade, meu Deus do céu! Eu fiz uma entrevista e me perguntaram sobre felicidade ‘E a felicidade, o que o senhor acha?’

E eu disse uma quadrinha do poeta Vicente de Carvalho, que no meio da poesia diz: ‘A felicidade, árvore coberta de doirados pomos, que nunca pomos onde nós estamos e nunca estamos onde nós a pomos’.

É uma verdade! A felicidade não está no ter, no possuir, está no sentir! Está no sentir, como se sente o perfume de uma flor. A felicidade está dentro da gente, não precisamos buscar em lugar nenhum. Ela já está conosco. E o circo e o palhaço fazem essa felicidade. Continue sempre, é a coisa mais gostosa que tem. É o circo e o palhaço.

Não é verdade? Vocês não sentem isso?

Nossa... não tem explicação... quando acabamos um bom espetáculo, fazemos uma boa piada, provocamos uma boa risada... não tem preço!

Sentimos que hoje em dia as pessoas comentam sobre espetáculos ou esquetes que tem muita pancadaria, chutes, tapas, aquelas coisas de palhaços, acham que é muita violência... cair, tomar tombo...O que o senhor acha disso?

Mas isso é coisa do palhaço... o claque (*tapas e pontapés ensaiados*) é tradicional do palhaço.

Sabe o que acontece? É que hoje, no mundo, há muita violência, então tudo que pode lembrar a violência é ruim.

Eu por exemplo quando faço festa de aniversário eu não dou um tapa assim (*simula um tapa*) de jeito nenhum. O boxe (*esquete tradicional*) eu levo.

É bem recebido, não tem nada, nota-se que é uma coisa de brincadeira, uma palhaçada, eu chuto e a criança ri, todo mundo ri, quando faço aniversários, os adultos depois vem pra mim e dizem ‘Seu palhaço, obrigado. O senhor me fez lembrar o meu tempo de criança’.

Quem é que não tem uma criança aqui dentro e não solta de vergonha? E o palhaço consegue tirar aquilo ali, há pouco tempo teve uma passeata em São Paulo e interditaram uma grande avenida. A Cooperativa Paulista de Circo chamou a gente e foram uns 100 palhaços.

Tinha um que estava com uma camisolona do tempo da paixão de cristo, aquele camisolão grande, aquele dorso, e eu digo puxa... Mas sempre digo cada um faz o que quer.

Mas eu fui então com o meu palhaço. Apenas porque era uma passeata? Não, eu levei a minha bengala, e o meu colarinho duro, e fiz aquela passeata sem dizer uma palavra, procurando aquela simpatia que o palhaço tem que ter, saía gente dos dois lados, e chegava gente, quando tinha criança, eu levantava o colarinho, e eles riam.

Fiz a minha parte, os outros façam o que quiser.

Depois na outra semana teve uma reunião na Cooperativa, cheguei lá e veio a Bel Toledo (*Presidenta da Cooperativa Paulista de Circo*) que me falou: ‘Puxa Picoly! Me disseram que o senhor fez um sucesso na passeata!’

E eu disse ‘Fiz a minha parte, nem falei nem nada’, então, olha o valor que essas coisas têm, é bom que você leve essas reprises, essas entradas cômicas, é bom pra não morrer, não é verdade?’

Não se levam mais as entradas cômicas. Quando a gente ia fazer teatro no circo, as entradas cômicas, tinha a entrada da abelhinha que é a mais conhecida, a do filho pródigo, do casamento da Chiquinha... Todas elas tinham nome e o pessoal de circo antigo, não sei se vocês conhecem também, a gente levava o quê?

Umas duas cenas antes e depois a entrada cômica e era o palhaço que mandava na entrada, então o clown vinha e me perguntava: ‘Qual é a cena que é pra fazer?’ Então eu dizia pra ele: ‘A cena da bolsinha de prata, vai a outra da caçada de patos, e depois a entrada vai a do filho pródigo...’ Mas era só falar a entrada que já se sabia o que era, então levava-se assim.

Agora hoje em dia já é mais reprise. Mas agora, essas entradas que eu digo, e essas cenas... Eu tô falando o nome das cenas, você conhece alguma?

Só conheço a da abelha abelhinha e a última que o senhor falou...

O casamento da Chiquinha?

É, o casamento da Chiquinha!

Então, o palhaço chegava:

‘O rapaz, eu vou me casar!’

E o clown:

‘Não, mas que é isso aí? Vai se casar?’

Palhaço:

‘Vou, por quê? Todo mundo não casa? Por que eu não posso?’

‘E tem outra coisa, vou casar com uma mulher ainda’.

E o clown:

‘Mas é claro que tem que ser com uma mulher’,

Palhaço:

‘Mas minha mãe casou com um homem!’

Depois continua:

‘Você é muito ingênuo, eu quero fazer um teste com você pra ver se você vai servir pra ser um marido, vamos apresentar a paródia do casamento’

‘Agora eu vou trazer aqui minha prima, que eu preciso de outra pessoa que vai fazer a moça e um faz o amante

e o outro faz o marido, aí então vinha a Chiquinha, e eles colocavam sempre um homem de Chiquinha. Às vezes eles pegavam peão de circo e o maquiavam e aí quando ele chegava dizia:

‘Upa, sua prima é bonita?’

‘É claro rapaz, chegou dos Estados Unidos agora’.

Aí ia aquela coisa toda, e quando via a moça dizia ‘uuuu’ e saía o urubu, aquela coisa, aí um fazia o amante, então o clown falava ‘Você vai chegar aqui e dizer assim: querida Chiquinha eu vou até o mercado ver o preço das bananas e já volto’.

Todos de circo diziam isso, a entrada era isso e acabou. Aí o palhaço dizia ‘Querida Chiquinha, eu vou até a banana ver o preço do mercado e já volto’.

Ele trocava as bolas, ai depois... bom não vou contar tudo pra não encompridar.

Essas eram chamadas entradas, e então, é bom que vocês relembrem isso. Vocês conhecem o Palhaço Gelatina?

Sim, sim!

O Gelatina é apaixonado também pelas coisas antigas. Ele veio aqui, eu até dei uma copia aqui do ‘filhos pródigos’ pra ele, ele quer aprender sobre a chanchada, sobre as entradas antigas, e eu digo que ensino, por que não vou ensinar? Por que vocês são novos e agora não vou ensinar? Não, que o Circo viva sempre, não é isso?

O senhor conhece o Circo do Tubinho?

Tubinho?

É, ele tem um circo-teatro de muito sucesso. O avô dele era o Palhaço Tubinho, é de tradição. E tinha morrido, tinha parado o circo. O avô começou a ter muita dificuldade e parou.

Depois o avô teve um filho, que é o pai do Tubinho de hoje.

O Tubinho mesmo cresceu fora do circo, cresceu sabendo que o avô tinha um circo.

Aí chegou uma hora que ele quis ter um circo.

Então pegou os textos do avô, bem o que o senhor falou... ele tem 90 peças, e apresenta de terça a domingo cada dia uma diferente.

A gente foi numa terça-feira em Botucatu (*interior SP*), num circo com 800 lugares lotado, só com ele de palhaço. Se ele não estiver, não tem espetáculo!

Mas então, isso é o circo-teatro, todo mundo gosta. Não gostam das novelas? É muito parecido. Eu sei que ainda tem algum circo-teatro por aí, mas não é como antigamente...

O que o senhor acha do Cirque du Soleil?

Olha, o Cirque du Soleil tem um bom espetáculo, mas não quer dizer que não há circos por aqui que tenham o bom espetáculo que ele tem, ele enfeita com aqueles bonecos andando pra lá e pra cá e tudo, que passam sem a gente saber por que entrou e deixou de entrar... mas é um espetáculo, não sei se vocês notaram, frio.

Não tem aquele entusiasmo do apresentador dizendo: 'Respeitável público, o espetáculo vai começar... E com vocês agora, em nosso picadeiro, o artista internacional, isso aquilo e pá-pá-pá, fulano de tal!' É mais quente.

Então, acho que eles lotam mais pela fama que tem e estão vendendo há tempo os ingressos, mas tem circos muito bons aí, com espetáculos bons também, com tudo certinho, na hora certa, não tem falha.

Mas eu acho que é muito frio. Eu ainda sou daqueles do apresentador, não é?

Acho que quanto mais tradicional o circo puder parecer, melhor.

Antigamente, há muitos anos atrás, o som não era assim, eram músicos. Os circos tinham a bandinha própria. Esse circo, o Nova York, tinha cinco músicos.

Alguns da família, outros de fora. Quando o circo chegava na cidade a população já estava esperando. Os músicos desciam do trem tocando e andando pela cidade.

Só de falar assim já entusiasmo a pessoa, não é verdade? Então hoje em dia já não tem mais isso, para mim é uma pena...

O que o senhor sente hoje quando entra pra trabalhar como palhaço? É muito diferente do que o senhor sentia no começo da sua carreira?

Não, não é não rapaz, não é. Eu conservo aquele mesmo entusiasmo que eu sentia antes, até hoje.

E você vê, com 82 anos eu ainda sonho. A pessoa tem que sonhar sempre, não pode parar de sonhar nunca. Senão morre. Vocês não repararam, eu estou com uma motinha pequenininha aí na garagem, que eu comprei, é uma idéia que sempre tive.

Então achei essa motinha, comprei, não tem motor, vou colocar motor nela, tem um rapaz que entende muito disso, vai fazer a motinha meio maluca, vai explodir, sair fumaça, vai espirrar água na platéia, e vai ser uma marca pro palhaço.

Eu vou entrar sempre com a motinha. Não vai ser um número não, eu vou entrar sempre com ela, como o Torresmo entrava sempre com aquele automovelzinho, eu vou entrar com a motinha e vai ser uma marca pra mim.

Tenho o mesmo entusiasmo e não quero perder nunca.

Eu gosto muito de escrever. Escrevia peças de teatro no tempo do circo, e continuo gostando de escrever, faço poesias, músicas... Já é o sexto ano que participo desse 'Talentos da Maturidade', com contos na literatura. Gostar de escrever faz muito bem pra mim porque sempre fui muito agitado na vida e continuo sendo, quero aproveitar sempre, porque acho que perco

tempo quando estou dormindo, a cama pra mim não me agrada, você não me vê deitado durante o dia, à noite vou dormir tarde, sempre depois da meia noite, já com aquele vício do circo.

Já deito na cama pensando num conto que vou escrever, na poesia...

Eu tenho que ter um motivo pra dormir, eu penso ‘Dormir por quê?’ Eu podia estar conversando, sendo entrevistado pelo Gallo e pela Elena, dormir pra quê?

Não perco o entusiasmo, não paro de representar, eu gosto muito, nós sempre levamos a ‘Paixão de Cristo’, mesmo depois que acabou o circo, a gente no tempo do meu irmão, o meu irmão que me faz muita falta.

O seu irmão faleceu?

Há seis anos. O teatro pra ele era tudo também, um grande ator.

Fazia palhaço também, gostava demais. Há uns dez anos atrás nós fizemos um circo, eu, ele e outro rapaz, desde o primeiro pedacinho de pau, um circo bonito, com balcão em vez de platéia, com camarotes e tudo, tentamos arrumar uma parceria, mas não conseguimos nada.

Aquilo entristeceu muito o meu irmão. Ele não pensava em ganhar dinheiro, ele queria fazer o teatro e acabou. Ele queria um parceiro que desse uma verba pra poder pagar a companhia.

Então rapaz, eu dou muito valor para vocês, jovens, porque vocês conseguem uma porção de coisas hoje em dia, apesar de tudo vocês ainda conseguem coisas que o pessoal do circo antigamente não conseguia.

Nós tínhamos um dinheiro que a prefeitura dava no fim de ano. A gente dava um espetáculo e eles davam um ajuda. Isso foi na época da Federação Circense, há muito tempo, era o que tinha, mas também era pouca coisa.

O meu irmão lutou pra ter um lugar pra colocar um circo e não conseguiu. Nós somos descendentes de cigano, os Calderachi.

Os circos começaram com ciganos, os saltimbancos eram ciganos e então a gente foi pro circo.

Ainda tinha a dificuldade das crianças na escola, tinha uma lei que obrigava a escola onde o circo chegava, a arrumar um lugar para nossas crianças. Isso sempre teve.

Se o senhor voltasse atrás e começasse tudo de novo, faria alguma coisa diferente?

Não, eu seria palhaço. Eu sou realizado como palhaço, porque palhaço pra mim é tudo, além de gostar muito, é uma benção de Deus, é uma missão pra mim.

É uma missão, a coisa mais gostosa é dar alegria, ainda mais no mundo em que vivemos, com tanta agressividade, alegria é tudo.

Então sei lá, achei o Picoly e não me separo dele, e se você perguntar pra qualquer um de circo, tenho a impressão que ele vai dizer que não é arrependido de nada.

Tem gente que fala mal do que faz, às vezes trabalha num escritório, gosta de um feriado, artista de circo não, o que ele quer é trabalhar.

Eu nunca vi ou ouvi um circense falar mal de circo. Vocês já ouviram? Eu nunca ouvi.

Não me arrependo não, de jeito nenhum. Não tive estudo também, mas eu aprendi muito com a vida, o teatro ensina muito.

Quando eu via uma palavra na peça, não dizia apenas porque tava escrito, eu queria saber o que queria dizer aquela palavra, entendeu? E até hoje, sempre procurei aprender o português, preciso dele pra falar, pra conversar, pra escrever.

Tem os livros aí que sempre li e então não tenho medo de falar em qualquer lugar e, se vou errar, não falo, porque não abuso também.

Então falo em qualquer público, aonde for. Fiz palestras em faculdades de forma que eu procurei aprender muito.

O circo pra mim é tudo. Eu digo... Tem até uns versinhos que eu falei, deixa ver se me lembro... É... Ora meu Deus, como é que é?... Que responde ao que você me diz... ‘Nasci debaixo de uma lona...’ Ai meu Deus! ‘Me criei no meio de um picadeiro... A lona foi sempre o meu céu, o picadeiro’ Ai meu Deus... ‘O palhaço, a minha vida, alegria, o meu troféu... A lona azul foi meu céu’. Ah, não me lembro mais...

Puxa vida...

A felicidade sempre me acompanhou e a cada tempo que passa eu me sinto mais feliz porque além de fazer palhaço de circo, eu procuro aprender de tudo na vida, o que é a vida, porque a vida é tudo, né? E procuro aprender e sempre digo, aquele que passa na vida e não aprendeu nada é um inútil, era melhor que não tivesse nem nascido, nós temos que aprender, temos que saber aproveitar os anos, então eu digo, puxa vida, tem gente que tem medo da idade, da vida, mas pra mim essa é a época mais feliz da minha vida, porque estou aprendendo, estou mais sabido do que já era.

Muito obrigado!

Eu que agradeço aqui a presença de vocês, que estão me proporcionando momentos felizes, estou falando daquilo que gosto, daquilo que sei... então me emociono.

☆☆☆ **Benedito Esbano** ☆☆☆

————— PALHAÇO PICOLY —————







Ricieri Pastori (Julius)



Era 2001, há dez anos... recém chegados da França, imaginávamos que aqui no Brasil não acharíamos nenhum professor com o mesmo nível técnico dos professores na Europa, até o momento em que chegamos na escola do Július.

Num final de tarde, estávamos em três, vestindo jeans, sem roupas de ginástica e demos de cara com um senhor com mais energia que todos nós juntos. Ele logo perguntou: ‘o que

vocês fazem?’ Explicamos e, sem pensar, ele deu um comando firme: ‘faz agora uma coluna de três para eu ver’.

Não conseguimos convencê-lo de que não fomos treinados para isso, porque, para ele, o artista tem que estar preparado a todo momento.

Não tivemos alternativa e formamos a coluna de três, com calça apertada, meia escorregadia e tudo o que tínhamos direito.

Assim que acabamos ele disparou: ‘senta ali que agora vocês vão ver o que eu ensino’. Chamou dois acrobatas e disse: ‘mostra pra eles’!

Eles fizeram três truques de extrema dificuldade: um deles, uma parada de mão de um braço na cabeça. Július nos olhou orgulhoso: ‘tá bom pra vocês’?

Naquele momento percebemos que fomos longe demais buscar uma técnica que estava tão perto da gente.

O melhor de tudo não foi a técnica, mas a pessoa que se esconde por trás desse professor duro, severo, que não mede palavras com seus alunos mas vira um doce, uma criança, quando vê um cachorro.

Nos dias de hoje acho difícil um dono de escola dispensar um aluno que não está interessado em aprender, mas paga sua mensalidade em dia.

Ricieri Pastori o faz, porque para ele não tem dinheiro que pague a falta de interesse.

Que Deus nos dê um terço da energia e do amor desse homem de 74 anos, que ainda dedica sua vida ao Circo.

Julius nosso mestre... a gente te adora!

Entrevista: Ricieri Pastori

Julius, eu não vou falar muito, só vou perguntar as coisas para ouvir você responder.

Só não me pergunta besteira que eu não vou responder!
(risos)

Primeiro me fala teu nome, idade e onde nasceu.

Ricieri Pastore, nascido em Bocaína, interior de São Paulo. Em 1º de Dezembro de 1935. Atualmente com 74 anos de idade.

E ainda na ativa?

Ainda na ativa. Meus pais são netos de italianos, nasceram e trabalharam na roça e vieram pra São Paulo.

Fiz alguns estudos, faculdade de Educação Física, Exército e Aeronáutica, mas antes disso comecei a fazer minha carreira como acrobata e, como para ser um bom acrobata o importante é ter um bom professor, tive a felicidade do meu primeiro professor ser um russo.

Morava em um bairro aqui de São Paulo chamado Vila Bela, onde a colônia de lituanos e russos era muito grande. Por sorte ele era meu vizinho.

Aí comecei a minha vida, treinei com ele praticamente dois anos e fui pra Aeronáutica, fiquei três anos parado depois voltei a treinar com ele. Aí comecei minha carreira mesmo, como acrobata, junto com os russos, que eram o Trio Vadlei, mas depois da minha entrada passou a se chamar Quarteto Vadlei.

Depois eles se aposentaram e eu comecei a fazer dupla de acrobacia, parada de mão.

Foi quando comecei a minha carreira profissional. Só com esse meu primeiro companheiro trabalhei durante 15 anos, viajamos pra diversos lugares do Brasil, quando fui artista do

circo Tihany. Foi lá que me projetei nacionalmente, depois fui para o exterior e trabalhei em diversos países da Europa e nos Estados Unidos.

Em 1960 comecei a montar meu grupo. Com esse grupo viajei pra diversos países da Europa, em festivais internacionais tanto de ginástica como de circo, trabalhei diversas vezes nos Estados Unidos, Inglaterra, nos cassinos, circos, trabalhei no Cassino Flamingo em Las Vegas, trabalhei no Orfei... em vários lugares.

Nos Cassinos do exterior fiz minha vida financeira. Graças a Deus. E tenho a minha escola.

A escola foi fundada em 1972, tenho alunos que estão fazendo sucesso no exterior, na Alemanha, na Bélgica, alguns no Cirque du Soleil.

Eu fiz alguns espetáculos nos Estados Unidos e na Europa, o meu grupo tinha mais ou menos doze pessoas. Fizemos de 2007 a 2009 três espetáculos diferentes: foi Acrobático Show, Variété, e agora em 2010 estamos com o novo projeto pra estreiar em abril, que chama-se Pássaro.

Um espetáculo bem diferente. E o grupo tá indo muito bem, estamos fazendo espetáculos com o Sesc, a Secretaria de Cultura e de Esporte.

Temos uma equipe muito boa, jovem, com idade menor de 20 anos, tem meninas de 11 a 16 anos com números diferentes de acrobacia, número de carretel (*rolo de madeira feito para enrolar cabos elétricos*), de cadeira e em abril vamos estreiar com certeza a Barra Russa (*barra flexível sustentada por duas pessoas, em que um artista se equilibra e faz acrobacias*).

Fale um pouco do número que você fazia.

Na verdade sempre tive muita facilidade pra acrobacia porque fiz ginástica olímpica. Sou campeão Paulista, campeão Brasileiro e fui técnico da seleção paulista de ginástica olímpica, hoje ginástica artística.

Aí quando parei as atividades com os russos, comecei a montar um número com um amigo meu que era de ginástica Olímpica e ensaiamos mais ou menos um ano, um ano e meio, pra montar esse número. Apesar de eu já ter experiência como acrobata, um número de parada de mão (*equilíbrio sobre as mãos*) como o nosso, é muito difícil.

Número de parada de mão pra ser bom tem que ter no mínimo 3 a 4 anos de treino.

Fizemos muito sucesso com esse número, quando fomos contratados pelo Circo Tihany e outras companhias estrangeiras, com as quais viajamos por muitos anos.

Trabalhei praticamente 15 anos com esse meu companheiro.

Ainda existem pessoas aqui no Brasil que fazem algum número com o mesmo grau de dificuldade que vocês faziam?

Não, não tem ninguém.

Essa é a minha tristeza, eu não consigo montar com ninguém o número que eu fazia.

Acho que é porque o brasileiro é difícil de trabalhar, aliás os latino-americanos são muito difíceis.

Eles não gostam de ensaiar, gostam de ganhar dinheiro, mas não gostam do dever, eu falo pra eles ‘Vocês querem colher sem plantar?’

‘Vocês querem colher e comer, não querem treinar’. Então por isso é que é difícil ter números bons, principalmente números de parada de mão.

É muito difícil, número de dupla é muito difícil. Precisa de treino, precisa fazer parada encaixada, muito treino.

Na minha época de artista, eu tinha um número de parada em dupla que levava mais de 10 minutos. Você precisa ter um ótimo preparo físico pra fazer isso.

E nossa guerra aqui é isso, o pessoal não gosta de treinar. Tem pressa de ir embora... Essa coisa do brasileiro, né? Mas felizmente estamos tocando o grupo e indo bem, vamos ver onde vamos chegar.

Você treinava muito?

Quatro horas por dia todos os dias, de segunda a segunda.

E quando eu estava trabalhando, treinava todos os dias também. Treinava no hotel ou no circo, todos os dias, não ficava parado um dia.

Um dia que você pare de treinar já dá problema. Você sente. Parece mentira, mas um dia que você não treina, faz uma enorme diferença.

E o que você sente quando vê fotos do seu número?

Ah, eu fico pensando que podia me realizar com alunos meus fazendo o número que eu fazia... mas infelizmente tá difícil.

Estou treinando agora um garoto de 11 anos, que tem muita vontade e habilidade e tenho um menino com 17 anos muito forte... Vamos ver no que é que vai dar.

Mas independente disso eu já formei bons acrobatas, com número individual, que estão viajando também. Eu acredito que ainda sou novinho, 74 anos, ainda sou novo, ainda vou conseguir montar uma dupla como era a minha.

Você tem muita saudade da época do circo?

Nossa, a coisa que eu tenho mais saudade é a vida no circo. O circo pra mim foi a melhor coisa que aconteceu. Eu deixei a vida militar pra seguir a carreira de artista circense e artista de varieté (*espetáculo de variedades*).

É uma vida muito boa, precisa amar, precisa amar tudo o que se faz, tudo na vida precisa gostar e amar, mesmo que você ganhe pouco, eu sempre falo pros meus alunos, se você vai ser um engraxate, seja um bom engraxate.

Se você quer ser artista tem que ser um bom artista, e para isso tem que trabalhar. Você tem que vender o seu número e falar ‘Eu quero tanto, porque o meu numero é bom!’

Não adianta enganar... Eu vejo os números por aí e me sinto muito chocado, muito triste de ver que o brasileiro tem muita potência, tem talento, mas infelizmente não tem aquela qualidade que tem o europeu, que tem o pessoal, principalmente do leste europeu.

Tem um pessoal que diz que só falo da Rússia, da Bulgária, da Ucrânia, da Hungria, mas são os países onde estudei, onde aprendi, tudo o que devo, devo principalmente ao leste europeu.

Foi com eles que aprendi as técnicas que tento passar pra cá e às vezes não consigo. Então a pessoa acha ruim quando eu falo do treinamento de lá.

Quando a gente chegava lá pro treinamento, a garotada de 5 a 12 anos ficava duas horas, três horas de pé ouvindo o professor, depois ia lá e fazia o número, sem conversa, sem olhar pra cara do outro.

E aqui enquanto você tá falando, mostrando um vídeo ou um movimento as pessoas estão conversando, estão virando as costas, é um problema. Mas, a vida continua e não podemos fazer milagre.

Às vezes você desanima?

Não, porque sou muito teimoso, muito mesmo.

Você acha que vão continuar existindo números iguais ao que você fazia?

Acredito que sim, mas fora do Brasil, porque olha, o próprio Cirque du Soleil tem uma dupla muito boa que é um número muito parecido com o meu.

São dois portugueses, dois irmãos, não me lembro o nome deles (*Alexis Brothers – espetáculo Mystere*) são ótimos, já es-

tão com uma certa idade, estão com mais de 50 anos, e continuam fazendo com a mesma perfeição.

Estão estraçalhando. Entende? Não posso falar propriamente do circo, porque ultimamente eu não tenho visto muito.

Eu estive agora na China, e vi uma dupla mista muito boa. Mas é o que falo para o pessoal, se este pessoal do circo começar a assistir as competições de ginástica acrobática, eles vão ver que eles estão muito atrasados.

Você vê duplas infanto-juvenis, meninas com 11 anos, a base (*a pessoa que fica embaixo*) com 13, 14 anos, jogando para duplo mortal, jogando e caindo no ombro, isso com duplas femininas.

Duplas masculinas e duplas mistas, é inacreditável! Sempre passo essas competições aqui pro meu pessoal, porque recebo vídeos de fora do Brasil. É inacreditável o que o pessoal faz hoje em dia.

O que eu vi na realidade no Cirque du Soleil, que é hoje uma multinacional (*risos*), uma multinacional onde noventa por cento dos acrobatas são russos.

Todos vieram da ginástica acrobática e da ginástica artística.

Outros que não vem do circo propriamente dito e sabem tudo de acrobacia, são os chineses, você vê cada número que eles fazem no Cirque du Soleil que são realmente impressionantes.

Você vê hoje que os trapezistas do Cirque du Soleil são todos ginastas. Eu mesmo tinha muita facilidade com o trapézio.

Fazia barra fixa (*aparelho de ginástica olímpica*) e quem faz barra fixa, para fazer trapézio, não tem segredo nenhum.

Precisa ter uma base muito boa, entende? Então é isso que eu falo, o pessoal precisa assistir a esses vídeos, esses campeonatos mundiais, que a cada dia estão melhores.

Os números tradicionais de circo, como balsa (*espécie de gangorra, onde um artista impulsiona o outro, que salta no ar*), que eu vi lá na China, são impressionantes.

Inclusive tem brasileiros fazendo báscula. São muito bons, ótimos, perfeitos. São bons assim porque ensaiam todos os dias.

Eu vi isso, fui para China, a convite de um dos chefes, um grande diretor técnico lá do Cirque du Soleil, com o espetáculo 'Zaia', que está em Macau.

Eles treinam muito, todos os dias, treinam até maquiados, porque terminam o treino e não dá tempo de se maquiar pro espetáculo à noite. É impressionante!

E depois fomos pra um espetáculo do outro lado da China, de alto nível também. Com todos os artistas latino-americanos. Não tinha um chinês.

Pra você ver... como eles gostam tanto do artista latino-americano? Tinha de diversos países, do Peru, da Colômbia, do México, do Chile. Artistas de alto nível estão fazendo sucesso na China.

Você ficou 15 anos com seu parceiro. Como era essa sintonia?

Eu falo aqui pros meus alunos que nossas mãos conversavam, se falavam.

Então você dava a mão pro seu companheiro e já sabia o que tinha que fazer, como tinha que ser a pegada, a jogada, tudo.

Hoje já não é mais assim. Porque pra chegar nisso, tem que treinar. Tem que ensaiar pra mão conversar, pra ela já saber o que você quer. Isso que eu quero passar para os meus alunos.

Cada truque novo que a gente ia fazer levava seis meses, um ano pra sair.

Hoje o pessoal faz canivete (*equilibrio a dois de extrema dificuldade*) com um braço só, naquela época era só eu quem fazia canivete, que fazia espacate com os braços estendidos, era só eu...

E não tinha o acesso a vídeo, não existia internet, youtube, quase nada de informação a respeito da técnica, não é?

É, não tínhamos acesso a nada! Não tínhamos televisão, a televisão era muito precária.

Não existia vídeo tape, não existia nada. Então era na raça mesmo, e ainda bem que a escola que eu tive foi com meus dois mestres, que eram russos.

Essa foi a minha grande felicidade, ter achado esses dois irmãos russos na acrobacia.

E você lembra o que você sentia quando fazia show, com o circo cheio?

Nossa senhora! Circo mesmo, só trabalhei em dois.

Depois de velho ainda fui trabalhar em Las Vegas a convite de um ex-amigo meu, que trabalhou muitos anos comigo, morava nos Estados Unidos, é o Lima que era um grande artista de bicicleta.

Eu já estava com a minha escola montada, foi uma guerra na família porque eu ia pra lá, e com 50 e poucos anos, 54 mais ou menos ainda fui fazer dupla com um garoto de lá muito bom de nove anos, que fazia duplo salto mortal estendido no trapézio.

O empresário do circo queria um número de parada de mão, e esse companheiro lembrou de mim e eu falei 'Poxa, mas eu já to velho, faz 10 anos que eu não faço nada, só dou aula'. Mas ele insistiu, insistiu e eu realmente fiz um milagre, principalmente por conta da minha parte física.

O garoto era bom, nunca tinha feito parada, mas tinha muita facilidade. Aí em 20 dias montamos um número e estreamos no circo lá. Circo de Lona mesmo.

Você conheceu sua mulher no circo?

Não no circo porque ela não era artista, eu a conheci quando ela estava assistindo ao espetáculo, ia todo dia assistir o mesmo espetáculo.

O que aconteceu foi o seguinte: Aquele que eu acabei de falar, o Kid Lima, que era um grande artista de bicicleta, em cima de um aparelho, muito bom, estava num hotel e eu em outro.

Ele conheceu a filha do dono do hotel, aliás, naquela época o maior que tinha em Maceió. Nós estávamos aqui no Brasil com o Circo Tihany e ele conheceu essa menina, começou a namorar, se apaixonou por ela, e tal, essa menina era amiga da minha esposa e a amiga dela me apresentou, aí nos conhecemos, gostamos um do outro e começamos a namorar.

Mas foi um drama quando descobriram que ela estava namorando uma pessoa de Circo. A família era uma família tradicional, o tio dela era Senador da República, médico famoso em Alagoas, os irmãos todos altos funcionários da Petrobrás, o pai foi Prefeito, uma família muito conhecida, e ali naquela época era meio perigoso sabe, naquela época pra eles sumirem com alguém era muito fácil, não custava nada.

E foi quase o que aconteceu sabe? O pessoal que vinha assistir o Circo e me conhecia falava ‘Cuidado, você está namorando essa menina, ela é de uma família tradicional, cuidado que pra eles te apagarem não vai precisar de dois minutos, viu?’.

No fim acabamos namorando, terminou minha temporada e eu voltei pra São Paulo, falei pra ela que achava que era melhor a gente terminar, porque não dava certo, a família dela não aprovava nosso relacionamento.

Aí ela falou ‘Vem aqui pra conversar com meu pai, não tem problema não...’.

E resolvi ir lá conversar. O pai me atendeu muito mal, não quis conversa, não quis nem saber, então peguei minhas malas e fui embora.

Aí o que aconteceu? Os amigos dela que eram também ex-Governador, Federal etc e que me conheceram pessoalmente, falaram assim ‘Poxa, ele não é só um artista, é um cara formado, que tem uma certa cultura, um cara viajado, e não é assim como o seu Durval tá pensando, ele é outro nível...’

Mas ele não queria saber, ele queria que ela casasse com uma pessoa da alta sociedade, aí ele me chamou e disse ‘Você é um palhaço de Circo, minha filha vai se casar com um palhaço de Circo?’. Pra mim era uma honra ser palhaço, mas como eu sou da paz, eu resolvi fugir com ela, com auxílio dos próprios amigos do pai dela.

E foi aí que saiu o casamento e o pai dela veio depois pra São Paulo me conhecer melhor e conhecer sua neta, assim que nasceu a Juliana e então fizemos as pazes. Mas essa história aqui dá um livro.

Ah, eu tenho mais uma coisa para falar, sabe Gallo eu sempre comento aqui, até comentei com a Tereza, uma das coisas que fico muito satisfeito de muitos alunos que eu tive, alunos de circo que eu já dei aula particular, mas realmente duas pessoas que eu não posso esquecer, que eu me sinto realizado, como eu falei que não conseguia fazer o número que eu fazia, mas essas duas pessoas não fazem o número que eu faço, mas fazem melhor, porque a coisa mais difícil é você fazer equilíbrio fazendo palhaçada.

E isso eu consegui, porque eles sempre falavam pra mim ‘Poxa nós não conseguir fazer isso’, e eu falava ‘É lógico que vão conseguir!’ ‘Não, mas não vai dar!’ ‘Vai dar!’

Então são duas pessoas que me fizeram sentir realizado e se eu não tiver mais ninguém eu falo, eu tive esses dois, que me deram a satisfação de fazer um número sensacional. Eles fazem hoje um sucesso absoluto, no Brasil inteiro e quando eu vejo um número deles eu até choro, porque eu falo ‘Olha, ali tem meu dedinho’.

Além disso, não é só isso, a gratidão que eles têm por mim, o respeito que eles têm por mim, os outros não tem. Então são duas pessoas que hoje pertencem a minha família realmente, o Gallo e a Elena.

Poxa Julius fico muito feliz de ouvir isso, você sabe que faz parte da nossa história. Muito obrigado por tudo mesmo...

☆☆☆ **Ricieri Pastori** ☆☆☆

ARTISTA





Teresita Mendez Aurich



Encontrei D. Tereza terminando uma aula de contorção, em que montava um número para sua aluna.

Ela enxerga longe. Vislumbra no Circo uma possibilidade de mudar a vida de muitas pessoas, assim como mudou a de sua filha única, que hoje mora na China e trabalha no Cirque du Soleil.

Teresita, como é chamada carinhosamente por seus alunos, supre a saudade que sente da filha ensinando suas técnicas

a eles porque sabe que seu papel é encaminhar e orientar, como faz uma mãe, mesmo que futuramente possa ‘perder’ seus filhos postigos para grandes circos.

Longe de vaidades, generosa, transforma meninos em profissionais e assiste com orgulho e alegria o progresso de cada um, porque eles já são parte dela, mesmo que voem para longe, assim como fez sua filha.

Entrevista: Teresita

Fale seu nome, idade...

Meu nome é Teresita Mendez Aurich. Tenho 61 anos e nasci na Colômbia.

Sou de família tradicional de circo, a família de minha mãe é da Espanha e de família circense também, eu tenho história muito longa, de terceira a quarta geração de circo tradicional.

A primeira coisa que os pais começam a ensinar é o contorcionismo, pode aparentemente ser muito fácil, mas é só aparência, porque é uma coisa que você faz no chão, os circenses acham muito fáceis porque qualquer um faz uma ponte, mas são números muito delicados porque você trabalha com a coluna.

E foi a primeira coisa que eu apresentei, um espacate e uma ponte.

Eu tinha uns 4 pra 5 anos, era muito pequena mesmo, nenezinho.

Depois desse, veio partner, ajudava os artistas quando precisavam e fui acrobata também, fiz báscula, tinha um número de báscula muito grande, e terminei minha carreira de circo como equilibrista de arame alto, de grande altura.

E agora eu dou aulas há 15 anos pra comunidades carentes, particular só de vez em quando.

A senhora trabalhava em que altura?

Então, nosso aparelho tinha canos de 2 metros, então ele era de 2 metros e ficava a 14 metros.

A senhora trabalhava com lonja (*cinto de segurança*)?

Não.

14 metros sem lonja?

É, antigamente não se usava lonja, tinha muito escola Alemã e Russa que usava cinto de segurança e a gente criticava muito, dizia que ‘Isso não é coisa de homem’, aquela coisa de antigamente de achar e demonstrar que você é homem, porque homem...

Eu na verdade só usava cinto de segurança quando treinava.

No espetáculo, não?

Não, nunca.

Tem Filhos?

Eu tenho só uma filha, pensei muito em ter mais de um filho, mas não tive por causa da dificuldade de viajar com circo, pela falta de estudo, porque é uma vida fascinante, mas pra uma criança, embora ela não saiba, é difícil.

Então eu tive uma filha só. Mesmo assim eu pensava em parar o circo, antes de ter essa filha. Eu esperei quatro anos depois de casada, pensando em parar o circo.

Mas circo é uma coisa que a gente não consegue largar. Ele entra, sabe? Passa a fazer parte da gente.

É uma coisa fantástica. Só quem conhece, quem vive, sabe disso.

Passaram-se quatro anos e a gente sempre tava criando coisas novas no circo.

‘Ah, estão pesquisando tal coisa na Alemanha, na Rússia’, sempre teve essas duas escolas, Alemanha e Rússia.

Foi bom esse tempo, de artistas, de grandes artistas.

E eu vi que ia ficar velha, aí engravidei, fiquei dançando um tempo, grávida, o médico disse que não tinha problema, pra eu ficar dançando até o último dia porque ia ser bom pra mim.

Só parei a báscula na época, que leva bastante pancada.

Quando minha filha foi pra faculdade, a gente parou o circo, também já estava na hora de parar e ela é formada em letras, então ela conseguiu estudar fora e dentro do circo.

E onde ela está hoje?

Hoje? Na China.

No circo?

No circo, isso, ela teve a opção.

Eu sempre conversei com ela, para estudar, pra não ficar só no circo sabe, porque na verdade a gente ficou só no circo, mas o estudo é muito importante.

Então ela estudou pra ter a opção de escolher.

Ela trabalhou durante cinco anos dando aulas pra executivos na Paulista, depois ela falou ‘Mãe, eu não consigo ficar numa sala’.

Ela nunca deixou o circo, então, quando chegou a oportunidade, ela foi pro Soleil, pro Cirque du Soleil, onde ela faz número de Bambolê.

Quais os circos onde a senhora trabalhou?

Eu tenho 61 anos, então trabalhei em bastante circo, assim, antigamente como eram circo itinerantes, ou em outros países você sempre tinha um contrato de um ano pra cada circo.

Agente firmava contrato e saía pro México, pra América Central, Espanha, Itália... pra qualquer país.

Os circos usavam na época um secretario, uma pessoa especial, hoje se chama olheiro, que vai no circo para ver os números, porque no próximo ano teriam novos espetáculos, mudavam tudo, os de lá vinham pra cá e vice-versa. E trabalhávamos em vários países, Argentina, Uruguai, México, Colômbia, Venezuela, Equador, a gente trabalhou na América do Sul inteira.

Trabalhei no circo Tihany, Garcia, Grand Bartolo, Orlando Orfei, circo Ermaños Fortes...

O que a senhora acha da nova geração do circo?

Tudo na vida passa, tudo muda, nós temos que acompanhar a nova geração.

Uma coisa que existia antigamente e foi deixada de lado durante um tempo, foi o teatro de circo, porque os circos antigamente tinham Teatro.

A primeira parte de circo, de atração era o teatro. Que tinha as peças de teatro, nunca me esqueci do começo que tinha comédias, dramas, e hoje em dia temos isso de novo, foi um resgate.

Isso abriu as portas para o circo que estava ficando já esquecido, o circo tradicional.

Qual a diferença daquela época que vocês viveram e da época de hoje?

Teve uma época que era circo, animais e artistas.

De repente os animais foram tomando conta e os artistas não tinham mais chance.

Isso acho que pouca gente sabe, mas eu vivi isso, posso falar. Acontece que alguns circos deram prioridade aos animais.

Aí começaram a comprar muitos animais e as pessoas foram ficando sem trabalho, então o circo foi acabando, aí foi virando um zoológico ambulante.

Os artistas não treinavam mais os filhos, porque tinham os animais. Não foi o meu caso, porque eu sempre disse que não queria saber o que ia acontecer e passei a tentar ser o melhor possível dentro das minhas possibilidades.

As pessoas ficaram meio desiludidas, de repente muita mulher começou a sair, com bumbum de fora, nada a ver com circo, mas virou tipo um teatro de revista, entendeu?

Esse tipo de circo, que levava as mulheres com bumbum de fora, rebolando... Isso não é circo.

Era muito mais fácil entrar e dançar, contratava uma menina da cidade, que o dono do circo achou bonita, a dona tam-

bém, poderia mostrar um corpo bonito e pronto, então o circo foi acabando.

E entrou essa nova geração. Que foi quando apareceu o circo moderno, que juntou circo, teatro, dança e música. Maravilhoso!

Eu falei um dia pra uma pessoa que tem circo, não me lembro o nome dele: ‘Eu te agradeço por você levar o nome circo. Porque você tem um circo, não importa se você tem teatro... Mas você tem o nome circo’.

Porque é uma cultura maravilhosa, extremamente sadia, que trabalha com a mente e o corpo.

A gente não sabe o que consegue fazer com o corpo, não sabe o potencial que o ser humano tem.

A senhora é casada há quanto tempo?

Eu vou fazer 40 anos de casada. 40 anos.

Conheceu seu marido no circo?

Conheci. Tinha um circo em Bogotá. Eu fui assistir e ele era um acrobata de báscula (*gangorra em que um artista impulsiona o outro pulando na extremidade*), sabe?

Conheci o professor do meu marido, maravilhoso, tinha trabalhado no circo Ringling Brothers, Já era um senhorzinho bem velhinho, montou essa trupe e foi acrobata também e se chamava Roberto Jacopi.

Ele teve uma trupe maravilhosa. Na época fizeram cinco alturas na báscula. Essa é a história que ele contou pra gente, com fotos.

Eles trabalharam para Hitler. Fazendo Báscula. Esse era o professor do meu marido.

Então conheci o meu marido num circo, em Bogotá, ele é peruano, e o circo onde ele trabalhava foi no meu país, aí eu o conheci.

E eu também fui acrobata, porque eu já tinha uma base e tal e foi por isso que eu fiz báscula, influenciada pelo meu marido que era um acrobata dessa modalidade. Ele chegou a fazer báscula com elefantes, no circo Tihany, na América do Sul. Foi o primeiro que fez esse tipo de trabalho.

Ele misturou os dois e a gente ficou assim ‘Meu Deus... O que é isso?’ Porque báscula tem que ter uma sincronização.

Quando um bate na gangorra, depende muito do salto do picador (*o que impulsiona a báscula*).

Tem que ter uma sincronia dos dois, senão pode causar um acidente.

E ele fez isso e agente ficou surpreso, porque um animal precisa ter um tempo certo. Isso ficou na cabeça da gente.

Quando fomos pro circo Tihany, o senhor Tihany falou pro meu marido ‘se tu me fazes esse número, eu te dou mil dólares’.

Então meu marido falou ‘Senhor Tihany, eu lhe agradeço e amanhã te dou a resposta’. Aí no outro dia... ele foi, mandou fazer o aparelho e começaram a treinar.

Um elefante ia lá em uma ponta, ele ficava aqui, tinha uma outra (*elefanta*) que se chamava Aissa, a que batia se chamava Brama, meu marido dava um golpe, e ela vinha andando, vinha andando e “Pum”.

Isso é muito difícil. Aparentemente parece fácil porque o elefante pesa, mas não.

Tem que ter os passos certos, o levante certo, numa altura certa.

Dessa forma. Era um orgulho pro seu Tihany, o dono do circo. E sempre que estava aqui no Brasil, ou onde estivesse com o circo, ele anunciava esse momento.

Ele podia estar em qualquer lugar do circo, quando os elefantes entravam, porque tinha um número dos elefantes, e no meio tinha esse, essa báscula. Ele vinha e anunciava com muito orgulho.

Porque foi uma realização pra ele também, só tinha um lá fora fazendo, não? E ele se sentia também realizado com isso, essa época do circo Tihany foi muito boa.

A senhora tem muita saudade?

De apresentar, mas eu me sinto realizada pelos meus alunos, pela minha filha, na verdade eu sou uma pessoa que tem os pés no chão.

Tudo tem seu momento, tá? O que eu fazia, depende de juventude.

Se hoje eu precisar fazer alguma coisa, eu faço, mas pra fazer de qualquer jeito eu não quero.

Não quero, eu quero o que já fiz.

Eu sinto saudade talvez do trailler onde eu vivia. Dos meus amigos de circo, dividindo os jantares, que eram cada noite no trailler de um.

Às vezes eu durmo no circo, porque tenho saudade dessa vida onde minha filha se criou, dessa correria da escola, sabe? São coisas que realmente dão saudade.

Eu criei uma filha em circo, né? Ela estudou no Brasil inteiro.

Mas fui muito, muito feliz. Fui muito feliz porque eu consegui fazer a felicidade de pessoas com o meu trabalho, e isso é uma realização pra mim.

Ouvir alguém falar assim ‘Nossa, aquele número valeu a pena, valeu o ingresso’.

Isso é muito bom. Isso me deixa feliz.

Com o espetáculo, a gente esquece por um momento problemas, mil problemas que se tem fora do circo.

O circo é uma empresa, uma cidadezinha pequenininha, né? Dizem que é uma família, mas como toda família também tem problemas, claro, quem não tem problemas, que ser humano não tem problemas, viva aonde viver?

Eu tenho muito orgulho, sou muito orgulhosa de ter sido de circo e de continuar fazendo minha arte hoje em dia, eu fico muito feliz quando alguém realmente leva a minha arte, a arte que eu ensino, sabe?

Quando eu era pequenininha, a primeira coisa que eu fiz foi contorção.

Então, hoje em dia eu trabalho com isso. Essa menina que você viu sair agora, disse que não encontrou um professor, ela já esteve em vários lugares, e ela é um pouquinho medrosa, mas eu falei assim ‘Isso não é medo, isso é cautela, porque você faz muito bem em ter cautela’.

Eu fico muito feliz de passar o meu trabalho pra uma nova geração, pra essa geração de vocês que está levando o circo.

Eu agradeço vocês, porque vocês estão levando o circo. Vocês continuam levando a nossa arte de uma forma limpa.

É isso que vocês fazem. É a exploração do corpo. Explorando o corpo com a ginástica, com arte, com maestria.

Elsa Wolf



Chegamos em sua casa numa tarde chuvosa de sábado..

Ela estava entre figurinos, equipamentos de segurança e objetos de Circo, costurando um collant para uma das suas alunas de trapézio.

O Circo vivia naquela sala.

Nos seus enxutos 64 anos, Dona Elsa ainda conserva a força que tinha nos ares, exibindo-se nas alturas do trapézio

sem proteção alguma de rede de segurança.... outros tempos! Hoje, na rotina de um novo trabalho, esbanja energia costurando peças de roupa, instruindo alunos e viajando a trabalho para outros países.

Muito produtiva, parece não se cansar nunca. Aguenta firme, porque precisa se manter em atividade e sentir que ainda vive como uma circense.

Dona Elsa é uma mulher de ação, que não olha para trás e não se alimenta do passado, assim como nos tempos de circo, quando não olhava para baixo enquanto voava no trapézio a 20 metros do chão.

Dona Elsa continua nas alturas!

Entrevista: Elsa Wolf

(Elsa – conversando sem saber que a entrevista havia começado)

...Aí eu contei, o cara era muito forte, ele fazia assim, fazia com o corpo assim e colocava um triângulo com um ponto fechava aqui e segurava aqui.

Ah! segurava com o músculo...

Com as omoplatas. Aí ele fazia assim, e aqui ele segurava um ferro, e subia uma moça de cada lado pendurada, girava assim, segurando com as omoplatas, as duas mulheres girando.

E fazia outras loucuras. Quando conto o pessoal olha pra mim assim, como dizendo ‘Essa velha tá contando uma lorota’...

Um dia eu consegui comprar uma multifuncional e disse ‘Vou espalhar todas essas fotos, vou jogar tudo no orkut’.

E fiquei procurando, procurando e escaneando... ‘Pum’ encontrei a foto.

Me deu uma felicidade porque aí não passei por loroteira. Eu fui lá e mostrei a foto, coloquei no Orkut, fiz um comentário pro pessoal ‘Pra quem não acreditou, aqui está’.

E isso é lindo.

Mas, tem tanta coisa que agente não conhece, tem coisa que não está em livro, em lugar nenhum. Só quem viveu...

Por exemplo, anteontem peguei um recado do Marcelo, circo Amarijo.

Fizemos espetáculo num barco, num navio. E eu coloquei ‘Vida boa’, porque dizem que vida de artista é sofredora, né?

E ele falou assim ‘Nem sempre Elza’. Aí eu respondi: ‘Isso é uma verdade, porque eu lembro da minha época, que foi a puro chá preto e pão duro’.

E isso é uma verdade, né? A gente passa essas épocas assim.

Você fica feliz pegando um contrato bom, mas digamos que haja algum problema e você tem que voltar pra São Paulo.

Toda segunda-feira o pessoal ia lá no café dos artistas (*ponto de encontro dos circenses no centro de São Paulo*) procurar emprego e o dinheiro indo embora. Quando você vê, já tá sem dinheiro, as contas não param.

Qual seu nome e de qual família a senhora vem?

Meu nome é Elza Wolf, sou argentina, venho de uma família tradicional por parte da minha mãe, porque ela é neta de donos de circo, eu já sou a quarta geração.

Meu pai era boxeador e foi a primeira geração. Então, eu venho de duas famílias de circo.

Fiz muitos números, comecei como partner de um senhor que fazia malabares e números de força.

Foi a minha primeira apresentação no Circo. Como artista fiz a corda indiana, pois tive que substituir minha mãe que ficou doente e com 15 dias de ensaio fiz a corda indiana, daí pra frente só aéreos, que é o que realmente gostei de fazer.

Quais os circos em que trabalhou?

Já trabalhei no Circo Norte Americano, da família Stevanovich, no Circo Garcia, Stankowich, também trabalhei em Circos pequenos, fazíamos fins de semana, muito agradáveis.

Trabalhei no Circo Atayde, no México, no Circo Real Espanhol, da família Tejedor, na Argentina e alguns mais que eu não me lembro.

Trabalhei muito no Brasil, na Argentina, 10 anos no México, foi maravilhoso, conheço desde pequena o Peru, Chile, mas na época só acompanhava meus pais.

A senhora sente muita saudade de quando fazia espetáculo?

Ah, eu sinto muita saudade, sim. Principalmente porque era jovem e bonita.

Mas sinto muita saudade mesmo, lembro que cinco horas da tarde corríamos pra se arrumar, se vestir, às seis horas já tocava a música, às sete horas já estava todo mundo pronto, era um momento muito lindo, o companheirismo que tinha entre os artistas, as brincadeiras, porque passava da cortina pra frente a gente era artista e mostrava sua arte, mas atrás das cortinas éramos tão companheiros, eram tantas brincadeiras...

Sinto muita falta disso, dos meus amigos.

A senhora trabalhou em circo que tinha animal?

Trabalhei em circo que tinha animal, sim.

Deixa eu te falar uma coisa agora, eu gosto muito de ver animais trabalhando no Circo, porque fazem coisas incríveis mas, hoje em dia temos tantos seres humanos, tanto artista parado, artistas bons, que precisavam trabalhar e o empresário pega um macaco, põe ele lá 15 minutos e ele ganha um cacho de bananas e com certeza num ano ele já reverteu o valor desse animal.

Hoje em dia é muito diferente, você tem a internet, como eu te falo, substituindo tudo, mas eu conheci no Circo um antílope, uma girafa, um elefante.

Não precisei ir para África pra ver um animal desse. Os que eu conheci foram bem tratados, já ouvi falar de animal muito mal tratado também, de Circo pequeno que não tem condição.

Esses sim não deveriam ter animais não é? Mas Circo grande como o Garcia, o Atayde, tinha uma elefante chamada Tânia... Se a Tânia (*artista do Circo VOX*) souber, me mata (*risos*).

Tinha uma elefantinha pequena chamada Tânia, que inclusive está no meu Orkut, ela veio dos Estados Unidos.

O senhor Cunha trazia os animais da África, domava e vendia. E todos tinham o mesmo nome, Tânia. A mesma coisa.

No México, a gente tinha uma grande dificuldade, porque, comparado aos Estados Unidos, que são vizinhos, está 50 anos atrasado.

A água era ruim. Você tinha que comprar água mineral de garrafão. Sabe, a água da torneira é muito ruim. Tudo lá era precário. Ainda mais quando a gente ficava fora de cidade grande, no interior.

Seu Cunha chegou no Circo em que trabalhávamos no México e mandou trazer da cidade, garrafões de água mineral, assim, dez, vinte garrafões só pra elefanta não ter diarreia.

Então tem Circos e Circos.

Existem os domadores de família que ficaram sem seu animal e perderam sua profissão de repente por causa da lei que proibiu animais em circos, o que acha disso?

Olha, eu vou te dar um exemplo. Eu tenho um amigo que é da Suíça. Não sei se vocês já ouviram falar, Fred Gardner. Ele era domador.

Ele tinha tigre, leão, tudo isso. Comprou ursos polares. Eles tinham uma carreta com ar condicionado 24 horas por dia, porque urso polar tem que estar no frio.

Aonde eles chegavam, colocavam a carreta, ligavam o ar condicionado e não paravam. Ele tinha o esquema do gerador a diesel.

Então nas viagens ele ligava o gerador. O urso só pegava calorzinho quando ele saía da carreta pra jaula, fazia os números e voltava.

E ele vivia disso. Aí ele foi contratado por um Circo, o Circo Soares, no México. Tomaram os animais dele. Hoje ele tem uma firma com dois caminhões e faz transporte na cidade dele.

Acabou a vida dele. Assim como a dele, acabou a vida do Sultan, que era um grande domador de feras e de tantas outras pessoas que tinham animais.

O que o público sentia assistindo a um espetáculo na sua época?

A gente sempre passa o melhor pro público e ganha a admiração dele, os aplausos, o alimento do artista.

Mas a gente vê também o rosto do público, aquela expressão, assim, digamos ‘Ah se eu pudesse fazer a mesma coisa, ah como eu gostaria de estar lá em cima’ A gente captava muito isso do público. É a satisfação de ver um bom espetáculo.

A senhora trabalhava, a que altura?

Ai meu Deus! Uma vez, a gente também entrava nas grandes produções lá no México, nos bailados, tudo isso, e chegamos na Arena México, que é um ginásio grande, assim como o Ibirapuera, talvez maior.

Papai que se encarregava de montar os aparelhos. Então a gente ficou naqueles ensaios, produções, experimentar de figurinos e não nos preocupamos com o aparelho.

Chegou o dia de estreia e o papai falou ‘O aparelho tá lá no lugar, tá tudo certo’.

Entramos, a gente entrava tudo nas escuras e lá em cima quando tudo estava pronto eles colocavam os refletores, quando a gente acabou o número de bambú, que é um tubo onde ficam duas pessoas uma em cima e a outra embaixo, seguramos o tubo, e viramos para cumprimentar o público.

Nesse momento quando eu olhei pra baixo vi tudo tão pequenininho que voltei, me segurei com a maior força que podia, e falei ‘Meu Deus, onde eu estou?’

Meu pai tinha colocado o aparelho a mais de 20 metros de altura. Porque quanto mais altura, mais o público sente a sensação, por isso o número ganha mais.

No segundo espetáculo eu fui com mais precaução, mais cuidado. Depois foi assim sabe, tão tranquilo, foi muito como dizem aqui, ‘Massa!’.

Ouvi falar que a senhora teve um acidente também...

Tive, faz 20 anos. Era um momento em que eu não queria fazer esse número, mas papai já estava comprometido, foi numa festa de aniversário de um Circo.

Eu dava aula lá e pediram para que todos os professores fizessem seu número pra mostrar que a gente realmente fazia.

Na verdade eu não estava com vontade, mas papai se comprometeu, então fui fazer meu número.

Sempre que eu ia trabalhar, por ser um número de altura, rezava um Pai Nosso e uma Ave Maria.

Nesse dia eu tava tão nervosa que foram uns 100 Pai Nossos. Não sei, alguma coisa me dizia que não estava certo.

Aí eu subi, fiz todo meu número nervosa, quando cheguei no final eu respirei e falei ‘Caramba, foi tudo tranquilo, não aconteceu nada. Só que quando eu fui fazer o final, coloquei a nuca na estufa e comecei a virar, e meu pai soltava a corda e eu ia descendo devagarzinho e girando até embaixo.

Quando ele começou a soltar eu vi o cabo de aço estourar onde estava o giro de nuca, um palmo pra cima o cabo estourou de vez, e eu desci rodopiando até o chão. Resultado: esmaguei três vértebras da coluna, quebrei meu tornozelo, mas estou aqui.

A senhora assistiu o filme ‘O Equilibrista’?

Não.

É um filme de um artista que atravessou as Torres Gêmeas num arame. Fiz questão de mostrar para todos os alunos do nosso Circo.

Pra você ver, nós estávamos no México, na hora do almoço, na cidade do México. Estávamos assistindo televisão, passando o senhor Valenda, que é um mito.

Falou arame na altura, falou senhor Valenda.

E ele estava ao vivo. Foi o dia em que ele teve o acidente e infelizmente morreu.

Aí comentei com uma amiga que senti muito o que tinha acontecido, foi muito pesado e ela falou ‘Mas ele queria morrer’.

Mas foi muito angustiante a hora em que ele soltou a maromba, *(aquele ferro que se usa para se equilibrar em grandes travessias)* e foi caindo no ar. Foi uma coisa que me impactou muito, eu vi muitas coisas ruins na minha vida, desastres, essas coisas, mas isso foi uma coisa que me impactou muito, sabe? Foi muito chocante.

Eu já vi esse vídeo, é impressionante. O filme ‘O Equilibrista’ mostra a história de um artista de rua apaixonado por arame.

Fiz questão de mostrar para todos os alunos do circo, pra que eles vissem o que é a paixão pelo Circo. Não tem muita explicação, não é? Tem coisas que você faz que não se explicam. Esse filme fala sobre isso.

Então, aquele cara que começa no circo, às vezes só por hobby, mas começa a se enraizar.

Quando a mão começa a rasgar, abrir os calos, mas ele insiste em fazer o que está ensaiando, é quando entra a serragem, a serragem nas veias *(do livro Circo Nerino ‘O uso da serragem para forrar o picadeiro faz parte da prática circense desde suas origens de circo de cavalinhos. Por isso, a expressão serragem no sangue é utilizada para dizer que a pessoa nasceu no circo ou tornou-se tão habituada ao modo de viver circense, que tem dificuldades em se adaptar fora daquele meio. Tem também a conotação de vício, dependência: não consigo viver longe da serragem...’)*. É quando o cara diz ‘Eu gosto de circo mesmo’.

O que é o circo pra senhora?

Eu digo, que para as crianças nascidas assim é um parque na porta de casa. Porque a criança que nasce em circo é abençoada. Tem seu parque particular. É o dia inteiro, 24 horas.

Mas o circo pra mim é tudo. Foi a minha vida, meus momentos bons, meus momentos ruins, melhores que ruins, graças a Deus. Se eu tiver que voltar atrás, dizem que existe reencarnação, se eu voltar atrás nesse mundo eu quero ser de circo, mas não macaco, pelo amor de Deus!

A senhora se arrepende de alguma coisa que não fez na vida?

Ah, isso eu falo sempre pra todos os meus alunos. Porque meus alunos já são profissionais, estão se aperfeiçoando, já são profissionais.

Tudo que tiver que fazer, faça agora que são jovens, não espere a minha idade pra fazer, porque aí não dá mais. Façam tudo agora.

A minha maior satisfação é ver um aluno que sobe no trapézio, faz tudo direitinho, bonitinho e que consegue ser um bom artista, sair do Brasil, trabalhar em outros lugares e ser bem recebido. Isso pra mim é fantástico.

A senhora treinou muito pra fazer tudo o que fez?

Treinei, mas era meio preguiçosa. Meu pai que me cutucava muito, mas eu gostava de fazer o que fazia. E assim, comecei brincando, com seis anos já fazia trapézio e contorção, mas só brincando. Mas sempre gostei de fazer o que eu faço.

O que acha do seu filho ser um artista de circo?

Sou uma mãe muito orgulhosa. Eu sinto muito orgulho do meu filho porque realmente ele se fez assim. Ele começou com 15 anos e eu só podia dar umas dicas pra ele, faz assim, levanta a cabeça, isso e aquilo, mas realmente quando ele quer fazer uma coisa ele faz, treina sozinho e faz. Ele é muito persistente. Isso é bom, todo artista tem que ser persistente.

O que acha da nova geração do circo?

Olha, deixa eu fazer uma observação: Bendita internet!

Quando começou a aparecer esse YouTube, a gente percebeu que estávamos 50 anos atrasados em relação a números de circo.

Eu vi tantas novidades, tantas coisas incríveis que nem sonhei que podia se fazer... e olha que eu sou velha de Circo, hein!

Bato palma pra essa geração de agora porque tenho visto coisa muito linda, uma perfeição.

Eles estão se preocupando muito com aparelho, com técnica, com perfeição, com música, com figurino, eles estão fazendo umas coisas me deixam muito satisfeita.

O Circo não vai morrer nunca!

O que a senhora acha do Cirque du Soleil?

Eu acho deslumbrante!

Fico satisfeita por ter não só artista do Canadá. Tem artista dos Estados Unidos, cubanos, mexicanos, argentinos, brasileiros, é uma mistura muito grande, é isso o que eu mais gosto do Soleil porque, vamos falar a verdade, é uma grande produção, certo?

Se preocupam muito com o espetáculo, é super inovador, os figurinos, tudo. Mas graças a Deus os artistas são internacionais.

Eu tenho vários amigos que trabalham lá e eles são muito bem remunerados. Todo empresário devia pôr a mão na consciência e falar ‘O artista vale pelo que faz!’

Do que a senhora tem mais saudade?

Ah, a gente tem mais saudade do espetáculo, do número, das luzes, a música, aquela bagunça organizada ‘Vai... é você, corre, eu te ajudo! Quebrou minhas plumas... então pega a minha’.

Essas coisas assim. Era uma grande família. Acredito que continua sendo, estou falando da minha época.

Era uma grande família, quando acabava o espetáculo saíamos todos juntos pra jantar, quando acabava o Circo íamos todo mundo pro cinema, o engraçado era que depois de quatro espetáculos no domingo, todo mundo falava ‘Vamos pra praia descansar de Circo’.

Chegávamos na praia e todo mundo ficava fazendo ponte, salto, equilíbrio, pirâmide... então quer dizer, a gente não descansava nunca, nossa vitamina era o Circo.

Um filho da senhora faz circo e o outro não. O que pretende para sua neta, em relação ao Circo?

Então... o Dani já começou tarde porque eu já tinha parado o Circo, depois do acidente meu pai não quis que eu trabalhasse mais, eu já estava com 42 anos.

E o Dani começou a estudar, então quando ele começou no Circo ele já tinha 15 anos.

A minha filha fez um pouco de Circo mas não por muito tempo. Ela ficou estudando.

Agora temos a minha neta, que faz trapézio, está ensaiando, contorção, cama elástica.

Fiquei muito feliz quando ela fez um salto mortal pra frente na cama elástica... E assim, a vovó fica babando, mas ela diz que quer ser veterinária. Agora está uma incógnita, vamos deixar o tempo passar.

A senhora se casou... seu marido era de circo?

Sim. Nos conhecemos no Circo.

Que número ele fazia?

Rola-rola com equilíbrios, ele equilibrava pratinhos, aquelas sopeiras grandes de louça, equilibrava na colher, equi-

librava uma saladeira numa faca assim, tudo isso em cima do rola-rola.

O que a senhora diria para os alunos de Circo que estão começando e querem se tornar profissionais?

Que fazer circo é uma maravilha, mas também um sacrifício. Os calos na mão, as dores no corpo, os hematomas.

Você faz um exercício novo e no outro dia não consegue levantar da cama.

Tem que estar constantemente alongando, ter flexibilidade, força, fazer exercício pra ter força. Quem gosta, que persista, porque é muito bom.

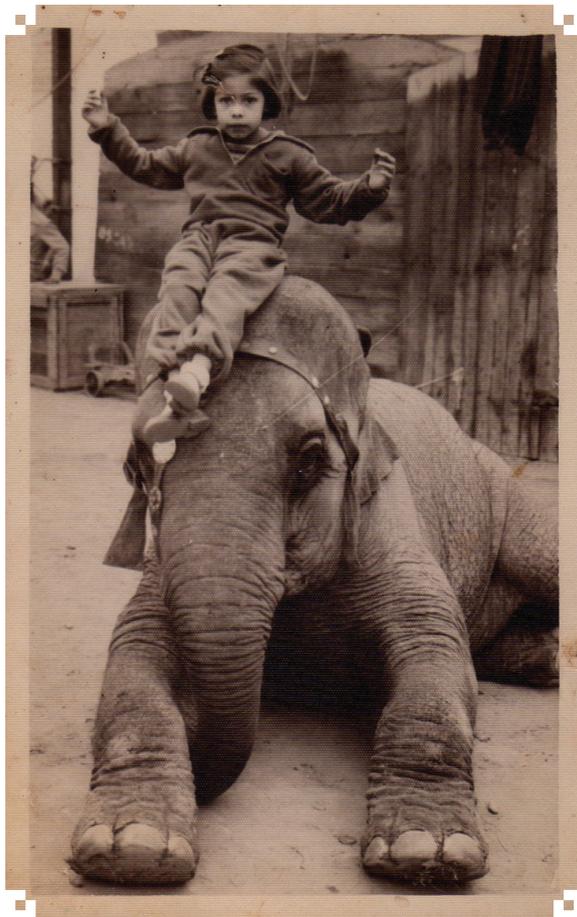
E não é somente assim, pelo Circo. É pela saúde também. Toda pessoa de circo chega a uma certa idade, passou dos 60 anos e ele está ainda bem disposto pra fazer as coisas por causa do alongamento, então também é bom pra saúde.

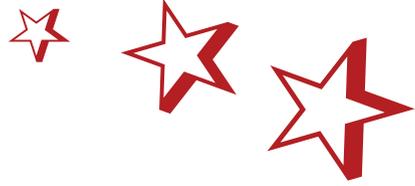
Sua vida valeu a pena?

A minha vida valeu a pena. Se eu precisasse fazer de novo, faria três vezes mais.

☆☆☆ **Elsa Wolf** ☆☆☆

ARTISTA







Agradecimentos

Benedito Esbano e Família, Ricieri Pastori (Julius) e Família, Elsa Wolf, Dora Sofia Rutiz (in memorian), Teresita Mendez Aurich e Sr. Oswaldo, Elza Marlene Alves Dias e Família.

Ministério da Cultura, Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, Sabesp, Gráfica Gonçalves.

Artistas: Biah Karfig, Tânia Oliveira, Guilherme Bressane, Mateus Bonassa, Gustavo Esteves, Adine Bardini, Tatiana Ubinha, Fernando Zuben.

Colaboradores: Antonio Bernardo Cerântola, Silvia Ferreira, Thiago Souza Couto, Rogério Santana, Danilo Verrone, Alessandro Bahia, Maria do Carmo Oliveira Santos, Aline Valier, Clovis Alves e equipe, Patrícia Boudakian, Cristina Morales.

